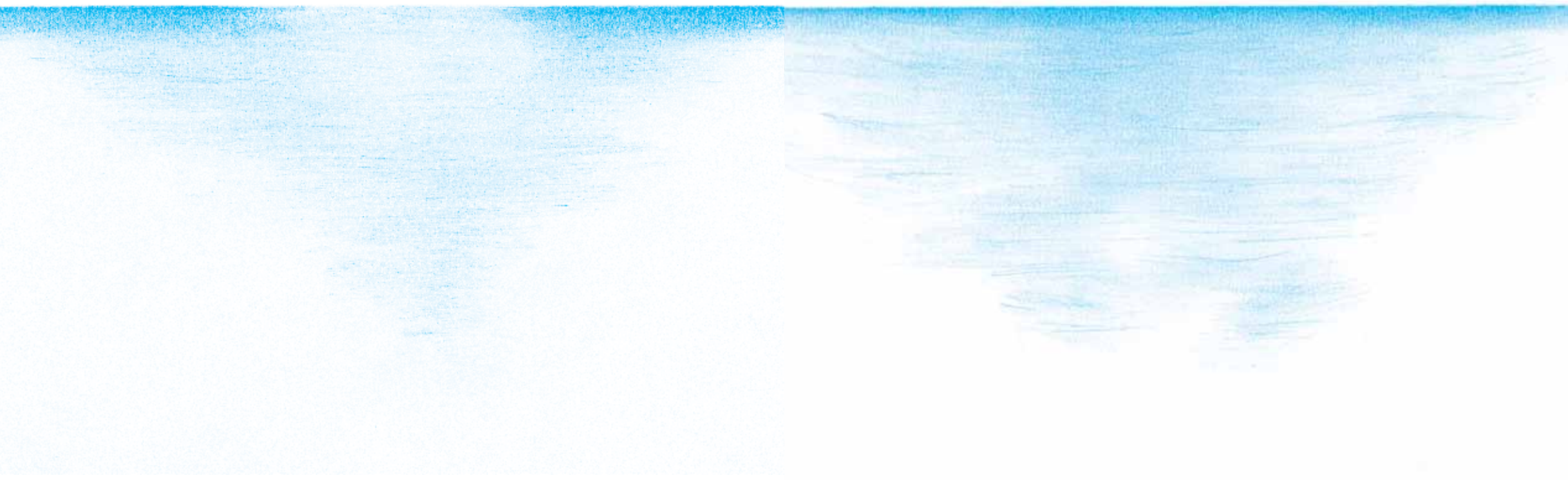
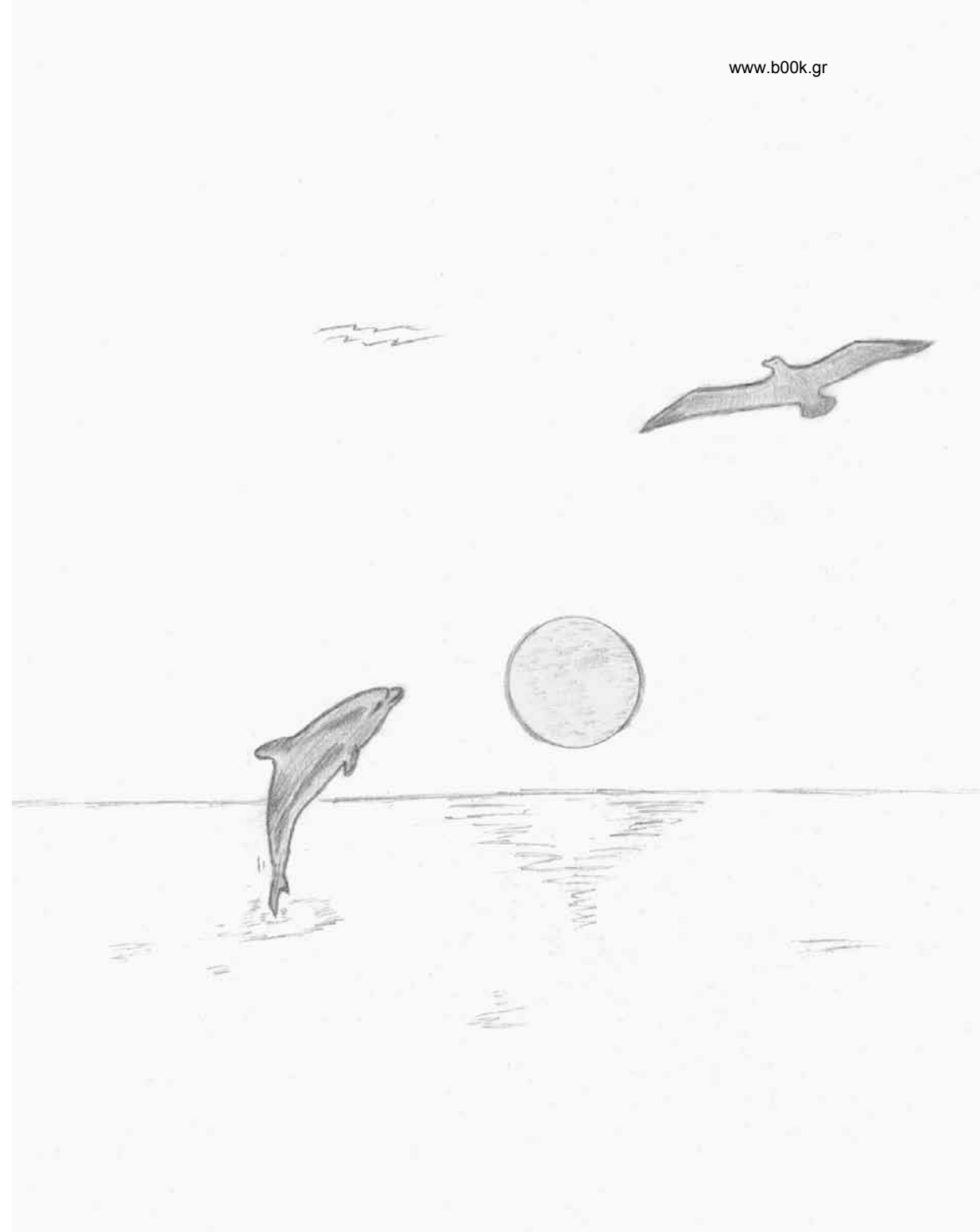




(Texto não incluído no livro)

- As páginas imprimidas não têm a dimensão do livro.
- A numeração das páginas foi feita só para o arquivo PDF.
- Os textos e as gravuras do livro são fornecidas apenas para a sua leitura e não para qualquer outro uso.

uma história simples...



Quando dois sóis se encontram
então dois mundos
se juntam para sempre.

O GOLFINHO E A GAIVOTA



Ao meu tio...

textos: Março - Junho
esboços: Julho - Outubro

* * *

Voava sozinha quando o sol já se tinha posto.

Voava sozinha, com as asas complementemente abertas, deixando o seu corpo elevar-se lentamente, sem esforço no seu mundo celeste.

E tinha o seu olhar já há algum tempo perdido no complexo de nuvens dessa tarde que parecia desdobrar-se na sua direção, colorido de um vermelho intenso — vindo de um sol que tinha desaparecido.

Em baixo, sob as nuvens, o mar. Ondulado, refletia por sua vez a cor escura do céu que timidamente a convertia, de tal maneira que já era impossível distinguir se era mais vermelho ou roxo...

De repente, sem explicação, voltou para o mar o seu pequeno tronco e quase fechou as suas asas cinzentas.

Podia agora vê-lo dar voltas cada vez mais rápido, aumentar perigosamente, antes de fechar os seus olhos, antes de se perder nas águas obscuras.

...

Voava, ainda molhada depois do seu mergulho repentino.

Voava sozinha, num mundo familiar, sobre um mar desconhecido.

Um mar que parecia chamá-la...

* * *

— Alexandra!

Virando a cabeça viu uma outra gaivota que se aproximava. Não se tinha apercebido como o tempo tinha passado.

— Os pássaros não voam de noite, sabes...

— Sim pai. Distraí-me.

Começaram a dirigir-se lentamente para a ilha de onde tinham vindo.

— Filha, vejo que já crescestes. Dentro em breve deixar-nos-ás para viveres a tua própria vida. Mas ainda nos preocupamos contigo.

— Foi a mãe que te enviou?

— Sim, e disse-me que se te encontrasse que te pedisse para seres mais sensata.

— A mesma história de sempre...

Aproximavam-se da pequena ilha. Já se distinguiu vagamente a colónia das gaivotas estendida perto da praia. À meia-luz as rochas que se levantavam em vários pontos da ilha pareciam ainda mais selvagens, mais inacessíveis.

— Ela tem razão Alexandra. É como se não te interessasses por nada.

Voas continuamente, mas sem destino. Mergulhas no mar, mas não procuras alimento. Não pensas mesmo que o dia de constituíres a tua própria família se aproxima.

Tem cuidado filha. Tem cuidado com o que fazes! Quem sabe onde terminarás!

A noite caía velozmente, enquanto que a lua nascia lentamente.

...Será que há algo que te falta e que eu não sei? Diz-me...

Aterraram quase às cegas. No entanto a sua mãe reconheceu-os sem dificuldade. Aproximava-se deles *em silêncio*, acordando metade da colónia ao passar.

Seria, realmente, uma noite difícil.

* * *

Tantas quantas vezes o fizesse, sentia sempre o mesmo entusiasmo.

O entusiasmo oferecido pela sensação de separar as águas a uma velocidade em aumento contínuo. E se se perdia algum momento debaixo da superfície, aparecia logo em seguida dando um salto absolutamente controlado.

Atrás dele seguiam os seus companheiros.

Era talvez o mais veloz e flexível golfinho do grupo, o mais capaz tanto em apanhar peixes, como em dar saltos espetaculares e originais.

Então repararam no bando à direita deles.
Um no início, e depois todos se voltaram para ele.

Alguns já se estavam a dispersar numa tentativa de cercar os peixes.

Estes reagiram mais tarde. Não tendo outra opção senão fugir dirigiram-se para o único espaço aberto do círculo, simplesmente para se renderem aos golfinhos esfomeados e seguramente mais velozes.

Mais uma vez, enquanto os peixes mais pequenos se submetiam às leis injustas da natureza, ele perguntava a si mesmo se andaria a destruir seres melhores do que ele próprio.

Continuaram os seus jogos anteriores, com poucos intervalos de repouso, todo o resto do dia. Assim, quando a tardinha chegou, reuniram-se para gozarem a tranquilidade da noite.

Um, porém, estava ausente do grupo. Contudo, ninguém se preocupava.

Já conheciam os seus hábitos estranhos.

* * *

Contemplava mais uma vez o pôr do sol, pairando no ar, sem esforço, no alto acima da superfície aquática.

Como um grande disco vermelho, o sol dirigia-se lentamente para o mar. O fim de cada dia era talvez o seu momento mais belo.

Assim diminuía a tristeza do dia que passava. E era por vezes graças a esse pôr do sol que já não podia mais ser esquecido.

...

Um respingo, como que algo pesado tivesse caído à água, de repente chamou-o a atenção.

Bem mais longe à esquerda discernia círculos que se abriam sobre o mar calmo.

Quase em seguida um golfinho deu um salto alto, aproximadamente no mesmo sítio, e dando uma admirável volta caiu de costas, deixando o mesmo som viajar longe, muito longe, certamente até à sua ilha, talvez — quem sabe — até terra firme.

De repente como era hábito, injustificavelmente talvez, começou a voar em direção do inesperado e solitário vistante.

Todos os seus pensamentos se tinham dispersado num momento.

— Eh! Golfinho!

Esperava que a chamasse — quase certa de que saltaria outra vez — quando desse o seu próximo salto.

O golfinho, com o seu olhar voltado para a esfera ardente, surpreendeu-se. Voltou rapidamente a cabeça para a Alexandra.

Aquele mergulho não devia ter sido o mais indicativo das suas habilidades...

«Sim», disse simplesmente, conforme surgia reluzente à superfície.

A Alexandra sorriu.

— Perdão.

Não te queria assustar. Vi os teus mergulhos e quis aproximar-me, e falar-te...

— Bem, eu pensava que as gaivotas não voavam a esta hora, tão longe da sua ilha!

Ela desceu suavemente para junto do golfinho.

Este inclinou-se ligeiramente para o lado, a fim de poder ouvir mais facilmente.

— Gosto de voar sozinha, contemplando o pôr do sol.

— Deve parecer muito bonito visto lá de cima.

— Sim, de facto...

Olhou para a água.

— ...Que se passa em baixo, muito mais abaixo de aqui? É tão escuro por todo o lado?

O que acontece ao sol que se afunda?

— Não sei. No entanto, por toda a parte há escuridão. Nenhuma luz...

— De verdade?

Não existe nem mesmo uma lua no teu mundo?

Nem estrelas?

Respondeu acenando negativamente a cabeça.

O sol lá no ocidente estava prestes a tocar o mar.

Voltou-se para a gaivota.

— Voa... Por favor, levanta voo e diz-me como parece lá do alto.

Subiu ao céu para logo voltar a aproximar-se do golfinho impaciente.

— De cima é como se dois sóis se encontrassem no limite do horizonte. Aquele que nitidamente vês e um outro, semelhante, de vermelho intenso, que flutua por algum tempo na água.

Que em seguida parece quase dissolver-se na cor do mar.

O golfinho começou a saltar o mais alto que podia, procurando o «outro» sol.

— Não o vejo... Não o vejo mesmo...

Observava um ser a tentar ver o mundo da mesma forma que ela.

Um ser que via um mundo que ela não podia ver.

«Não fiques triste», disse-lhe então.

«Dir-te-ei eu o que vejo.»

«Eu voarei por ti...»

Seguiu-se um momento de silêncio. Círculos de água floresciam lentamente diante dos dois sóis que se uniam antes de desaparecer.

— E eu nadarei por ti...

Ali, enquanto um sol penetrava cada vez mais no outro, fechava-se o mais bonito e mais estranho acordo na história dos dois mundos.

Um novo sol aparecia agora, nascido de um encontro inesperado.

E deste modo se encaixaram as suas duas peças, não se podia dizer com certeza qual pertencia ao céu, e qual ao mar.

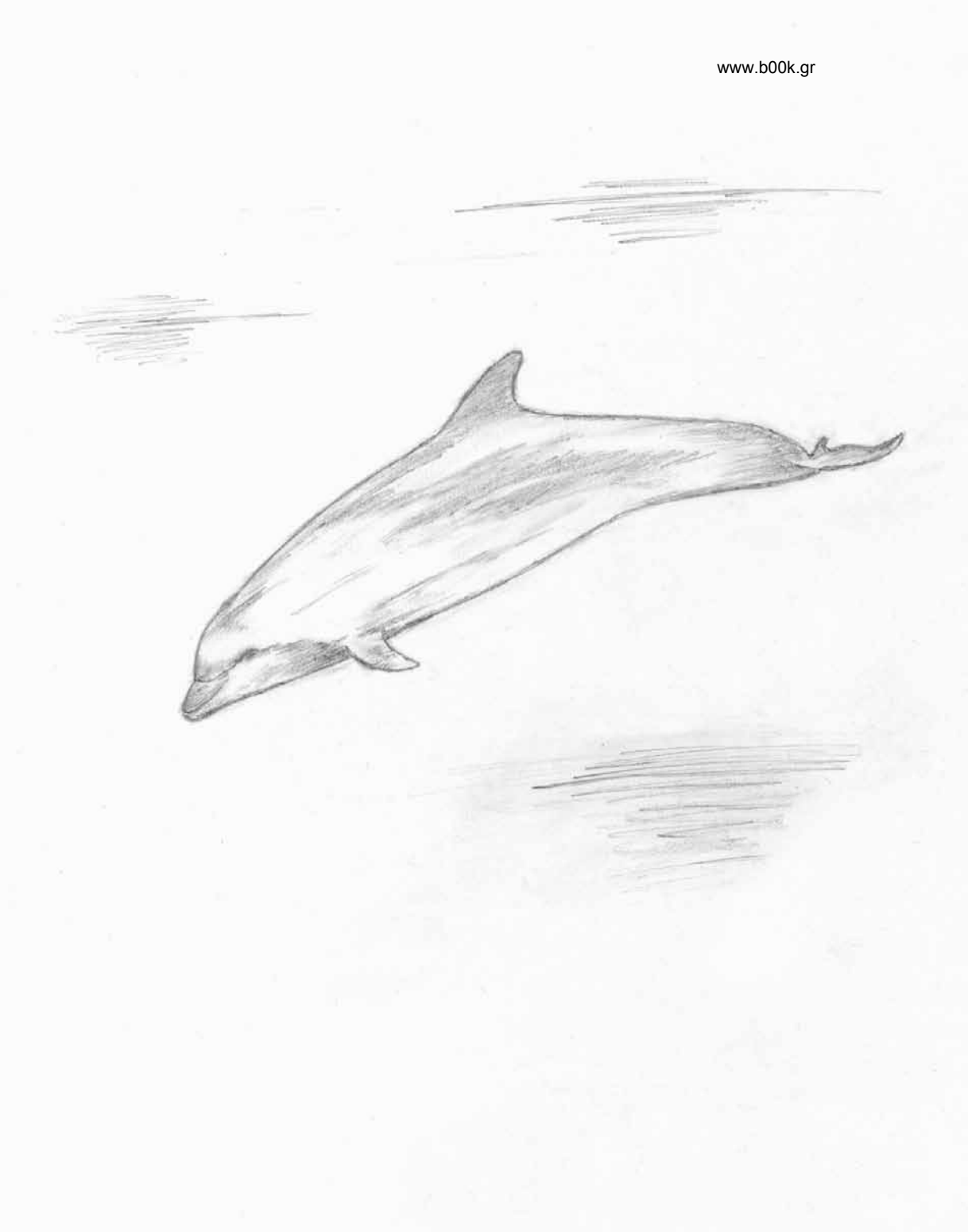
Qual dos dois sóis refletia o outro...

...

— Ainda não te perguntei o teu nome...

— Alexandra. E o teu?

— Iássonas...





* * *

Com o amanhecer do novo dia voava em direção ao cabo oriental.

Naquela ponta da ilha o Iássonas já a esperava. Nadava lentamente, quase tocando a superfície.

— Bom dia.
— Bom dia Alexandra.
Chegaste bem ontem à noite?

— Sim, já estou habituado ao voo noturno...
Basta-me a luz da lua.

O silêncio estendeu-se.

— Parece termos tanto a dizer e não sabermos por onde começar...

Mas o princípio foi finalmente encontrado. Começou, então, uma conversa sem fim.

O Iássonas ouvia, enquanto a Alexandra unia as suas asas em formas inovadoras, sobre um mundo que nunca tinha imaginado.

Sobre bosques densos, moinhos de vento, casas e ruas, de animais que vivem na terra, sobre grandes campos coloridos...

E a Alexandra por sua vez, nunca tinha imaginado que o mar escondia dentro da sua profundidade um universo colo-

rido de esponjas, corais e algas, uma abundância de seres pequenos e grandes, inofensivos e perigosos...

...

Porém, o que parecia agradar-lhes mais era quando a Alexandra voava pelo Iássonas. A sítios em que ele, se fosse gaivota, gostaria de voar.

Ou quando o Iássonas nadava pela Alexandra, até à profundidade a que ela, se fosse golfinho, gostaria de mergulhar.

Quando finalmente partilhavam as suas experiências, os seus sentimentos.

...

Via-a agora voar por ele sobre a ilha pequena. Nos seus rasgados olhos negros não havia mais do que uma ave marinha que voava alto, com as suas asas completamente abertas.

Um pouco mais tarde ouvi-la-ia com a mesma dedicação descrever como via a ilha: toda, com rochedos que chegavam até à praia, onde a água no princípio era verde e depois azul claro e azul escuro.

Como se sentia na hora em que o vento soprava com força mas não a arrastava, na hora em que permanecia imóvel, sem esforço, no céu.

Perguntava repetidamente, sem parar.

E a Alexandra dir-lhe-ia repetidamente como via o mar — menos vasto enquanto voava longe dele — circundado pela terra e pelo horizonte.

Como o via girar quando mergulhava no ar, como se sentia quando reduzia pouco a pouco a velocidade abrindo suavemente as suas asas, como quando quase tocava a água antes de subir um pouco para voltar a mergulhar imediatamente depois.

Falava continuamente, com um entusiasmo pouco comum, sobre a sensação de voar.

Explicava-lhe que quando se encontrava ali em cima e se distanciava das coisas, essas pareciam mais pequenas, mais frágeis. E os pormenores pareciam não ter importância.

Que se sentia maior, mais importante de lá de cima.

Conforme a distância se perdia, convertia-se novamente numa gaivota...

Ao voar alto, repetiu, os pormenores parecem não ter importância.

E ao voar alto tudo parece um pormenor.

O Iássonas ali, junto dela, fechava então os seus olhos e procurava imaginar-se a si mesmo lá do alto, as rochas lá do alto, a ilha pequena, insignificante, envolvida pelo mar — verde no início, azul escuro em seguida...

...

Depois seria ele que começaria a falar sem parar, com um entusiasmo pouco comum, sobre a sensação de nadar.

Descrevia como se sentia quando avançava dentro do mar profundo, como quando começava pouco a pouco a aumentar a velocidade, como de repente girava o seu tronco para a superfície, para ver as nuvens que ganhavam cada vez mais rápido alguma forma antes de que finalmente saltasse no ar.

A Alexandra perguntar-lhe-ia muitas vezes.

E o Iássonas dir-lhe-ia novamente que quando se está na água, quando se sente «suspender-se» dentro de si, cada um dos seus movimentos torna-se mais lento. Cada momento parece duradouro.

E o tempo parece não ter mais importância.

Fechando então os olhos, Alexandra tentava sentir-se, nem que por um momento, perdida em algum lugar das profundidades do mar, num mundo diferente.

Num mundo desvinculado de espaço e tempo...

Encontrava-se agora imobilizado na superfície serena.
Via o Iássonas a nadar por ela, a afastar-se lentamente em profundidades proibidas para ela, fundir-se com a cor do mar.
A distância transformava também aqui a realidade.

Esperava, olhando impaciente para dentro da água.
Até que ele parecia estar a aproximar-se.

Como uma sombra que passava pela luz, obteve pouco a pouco uma forma. Viu então que trazia algo no seu bico. Era a primeira vez que via algo de semelhante.
Voou um pouco depois para o interior da ilha.

Sendo um golfinho nunca tinha visto uma flor.
Assim, enquanto a Alexandra continuava a observar uma concha encostada a uma rocha ali próximo, ele arrastava pela primeira vez para dentro do mar algo de tão delicado, tão frágil...

...

Do mesmo modo passou o resto do dia, calmo, desperçado entre conversas e narrações, entre jogos espetaculares dos dois, com tentativas de partilharem as suas emoções e os seus sentimentos.

Agora que podiam ver cada um com os olhos do outro, podiam ambos ver o seu próprio mundo mais belo.

Descobrir novos aspetos de si.

Constatar o que antes passava despercebido.

Agora que cada um se via com os olhos do outro, com espírito de investigação, busca, apercebiam-se uma vez mais o quão pouco conheciam o seu próprio mundo.

Quão fútil era estar tão apegado a uma parte infinitesimal de um todo. Tão agarrados ao nada.

A decisão já estava tomada.

Amanhã partiriam juntos.

Iriam em direção à ilha grande na costa do mar. A ilha que se chamava terra.

Naquela noite toda a colónia de gaivotas ficaria desperta devido à lamentação *surda* de uma mãe...

* * *

Ela deu uma pequena volta no ar. O seu pai e os seus irmãos regressavam da ilha.

A mãe tinha-se despedido dela mais cedo; estava tão esgotada que não podia voar.

Ela optou por não falar a ninguém sobre o Iássonas.

À sua mãe não o tinha dito, talvez só porque algo assim não a iria confortar. Não seria nunca possível um golfinho apoiá-la no que quer que fosse ou ajudá-la quando um dia o necessitasse.

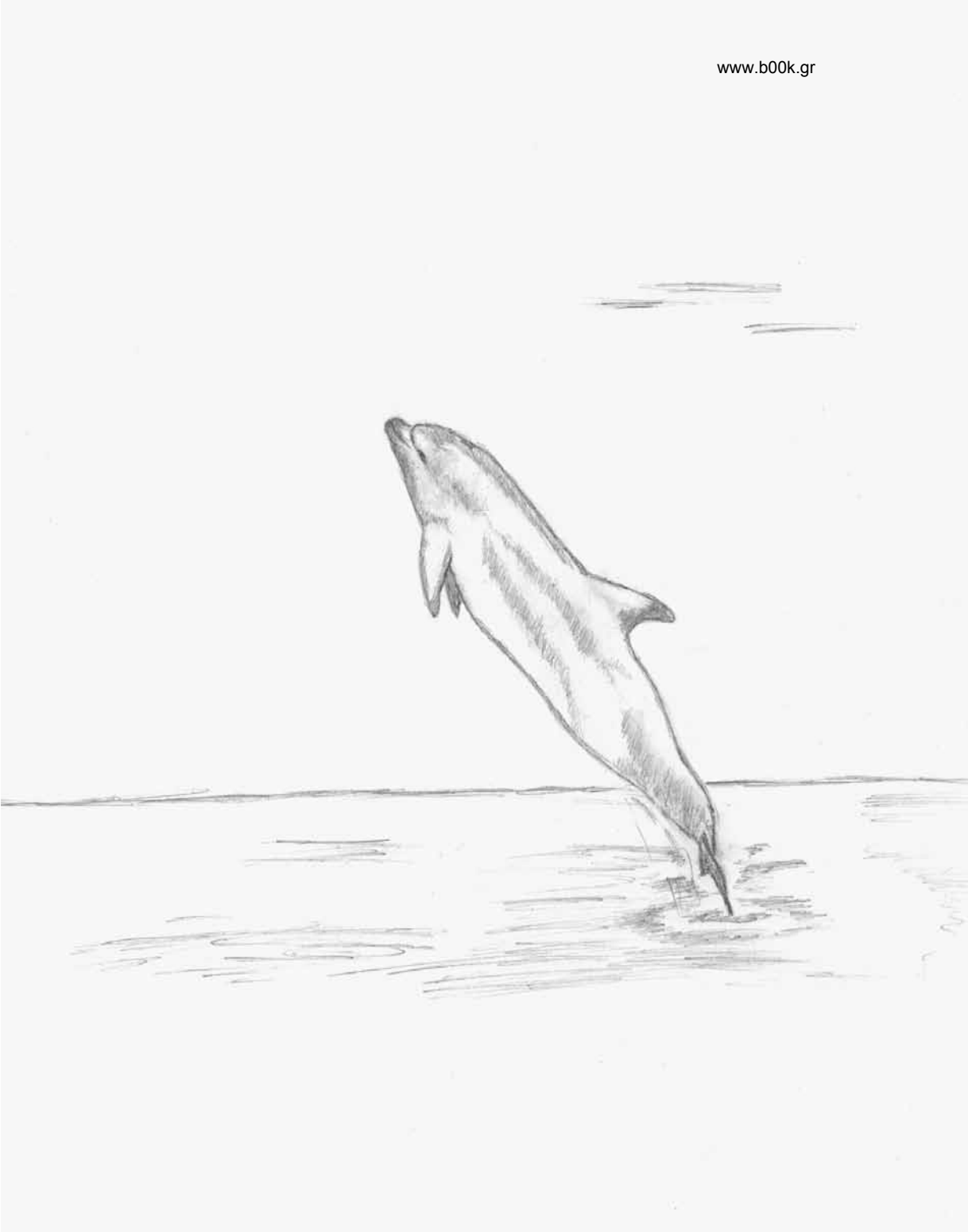
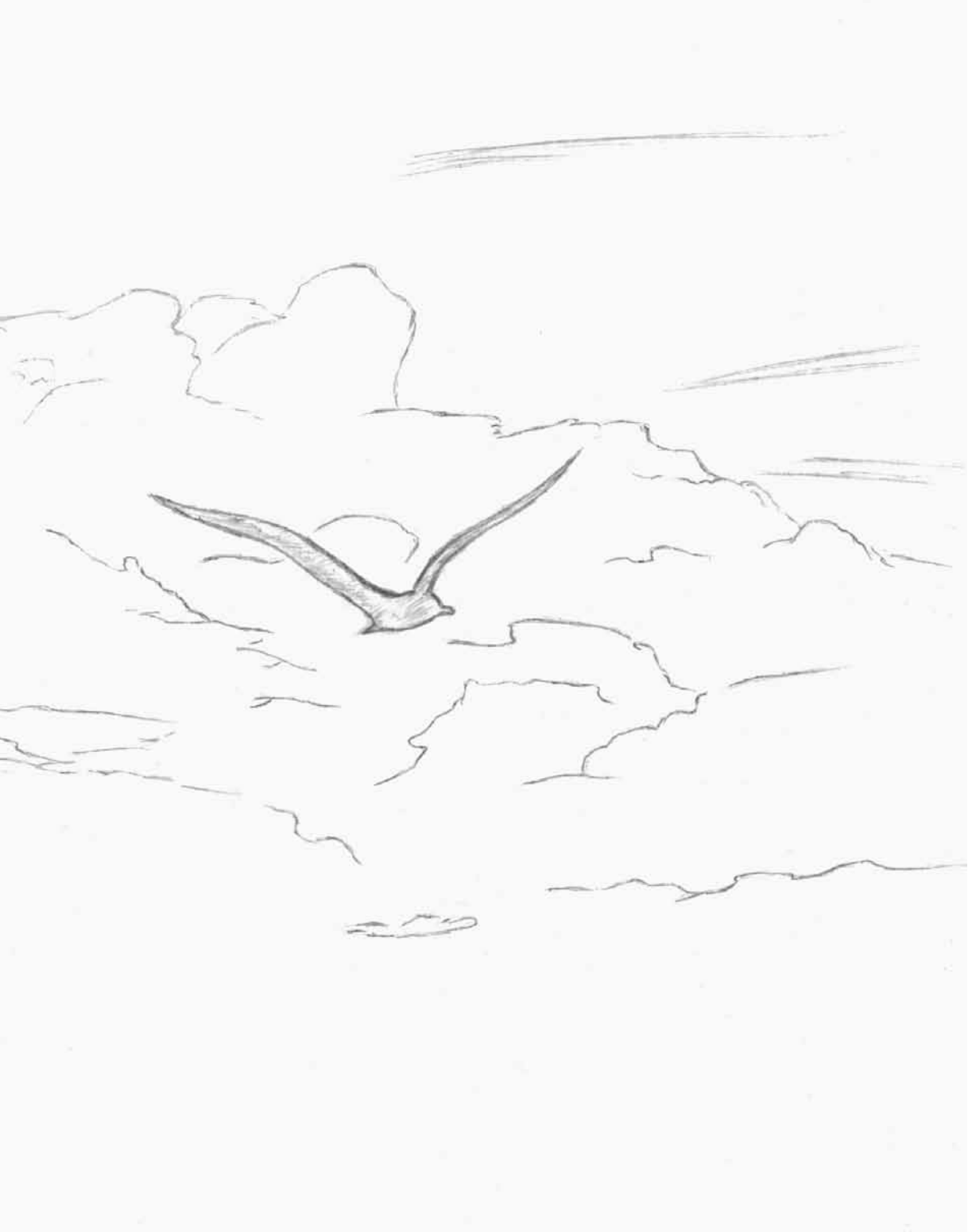
Ao seu pai somente tinha referido que viajaria com um golfinho que ia também na direção da terra. Nada mais.

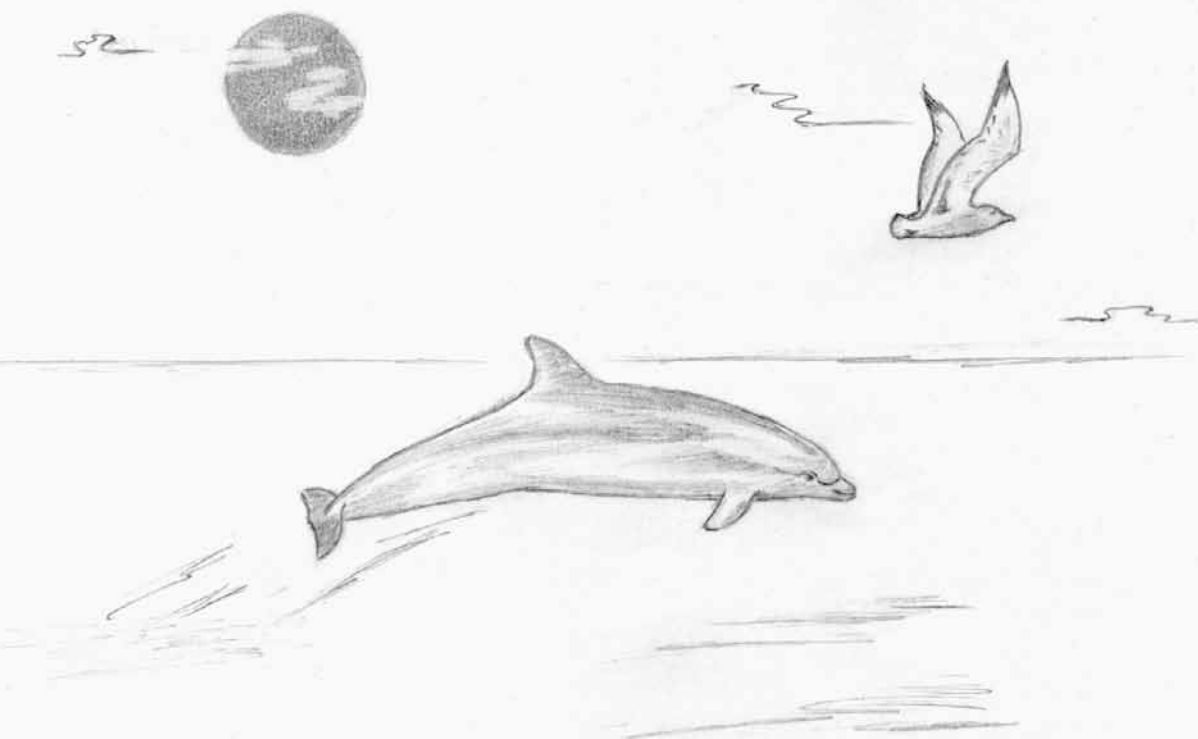
«Vai atrasar-te, sabes...»

«Não faz mal pai...», justificou-se, «Terei alguém para me fazer companhia.»

Para os outros, para aqueles que por acaso o veriam partir, seria simplesmente uma coincidência; aquele golfinho nadava velozmente, dando de vez enquanto pequenos saltos, na mesma direção que a Alexandra.

Eles não eram senão dois adolescentes que aspiravam conhecer algo mais. Dois adolescentes que aspiravam aprender. Que aspiravam, assim, viver.





* * *

Com um tempo destes seriam necessários, pelo menos, dois dias para se chegar a terra. Quase um dia mais do que se ambas pudessem voar.

Avançavam continuamente, parando só às vezes, principalmente quando o lássonas se cansava devido à velocidade a que nadava.

Pelo contrário, para uma gaivota era talvez mais cansativo o voo relativamente lento. Mas ela não queria voar mais rápido. Gostava de contemplar o seu amigo quando nadava.

Gostava de sentir que estavam juntos.

...

Bastante mais nova, sem se lembrar exatamente quando, a Alexandra tinha viajado para terra.

Foi então, com o seu pai e com os seus irmãos, quando ele lhes tinha prometido num momento de fraqueza.

A única coisa que ainda restava daqueles dias emocionantes eram algumas imagens desvanecidas, sem poder distinguir quais tinha visto ela mesma e quais se tinham criado na sua memória pelos relatos das gaivotas mais velhas. Pelo que se dizia como um conto de fadas sobre a ilha na costa do mar.

Tinha chegado a hora de ver ela mesma o que havia e o que não havia, de distinguir a sua verdade da verdade dos outros...

O Iássonas, por seu lado, estava habituado a nadar, até então ao largo, longe da terra e dos seus habitantes.

Era a primeira vez que seguiria o mar, tão perto deles.

...

Eles tinham parado lado a lado de baixo de um céu limpo.

Cansados, tocaram a superfície aquática, aquela linha de separação que obstruía as suas viagens, que determinava o tamanho das suas capacidades.

Aquela linha que não podiam ultrapassar senão por um momento. Não obstante, por um momento que era suficiente para saborear o desconhecido.

Para desejarem ter exatamente aquilo que não tinham.

Se se tivesse estendido dura e impenetrável como as rochas, intransparente como a areia e a terra, talvez nunca conhecessem o que perdiam, talvez nunca pedissem para saber mais.

Bem, este limite comum, devia ser nomeado de qualquer modo.

No entanto nenhum nome parecia ser adequado. O que propunha um rejeitava o outro. E finalmente, não chegaram a nenhum acordo.

«Porque não simplesmente linha?» perguntou a certa altura o Iássonas.

— É demasiado simples...

— Linha de Separação?

— É demasiado grande...

— DeltaGamma?

— ...

Sem grande entusiasmo, a Alexandra concordou.

Fazia, de resto, lembrar os dois; Golfinho — Gaivota.

Assim começaram novamente.

Viajavam paralelamente à linha de separação dos mesmos e dos seus mundos.

Paralelamente à DeltaGamma.

[A palavra 'DeltaGamma' resulta da quarta e terceira letra do alfabeto grego, que são simultaneamente as iniciais das palavras Golfinho—Gaivota & das palavras Linha de Separação.]

Talvez agora que tinham nomeado o limite deles, agora que já conheciam qual era, talvez agora eles pudessem vencê-lo.

* * *

Tinham sorte.

Mais ou menos sobre o caminho que seguiam — minimamente, quase impercetivelmente, mais à direita — via-se agora uma ilha.

Um refúgio seguro para a noite que se aproximava, pois o sol debilmente dourado se inclinava para o mar.

Chegando mais perto dela viram as rochas enormes que se elevavam majestuosas.

Elas também douradas, coloridas com luz.

A terra emergia bruscamente ao princípio, quebrada nos extremos, para continuar depois normalmente, ondulada, antes de se elevar outra vez sem obstáculo até ao topo plano da ilha. Para aí se dirigia a Alexandra.

Olhava para ela a voar.

Um ponto branco se deslizava no ar, sem dar importância às massas de pedra.

Voava cada vez mais alto, ultrapassando as alturas onduladas, as rochas bruscamente empinadas, o cume sereno.

Tinha desaparecido atrás das montanhas.

O sol poente transformava a atmosfera entre as encostas numa estranha neblina.

Dentro dela, cores e sons perdiam-se, os movimentos tornavam-se mais lentos, tudo se convertia em mais uma sombra sem importância.

A sua figura só se distinguia a voar sobre as pequenas casas.

E o seu grito intensificou-se inesperadamente pelo som do silêncio difuso.

Espalhou-se por toda a parte, inundando o espaço, rebentou como uma onda sobre as rochas à volta, antes de regressar à sua origem, antes de se emprisonar e desvanecer-se na calma dessa neblina...

Voou depois para trás em direção do cume plano.

...

Dirigiam-se para o outro lado da ilha, quando o sol já se tinha posto.

Chegaram à ponta da pequena baía avançando na escuridão.

Ali, diante da aldeia, diante da luz ténue de janelas esquecidas semiabertas, adormeceram cansados.

* * *

Acordaram ao som de um barco de pesca que apanhava redes. Avançava com dificuldade e o seu som intenso viajava pelo mar e pelo céu.

Atrás dele vinha uma nuvem de gaivotas.

Entre gritos e golpes — determinando o seu trajeto pelo trajeto das outras gaivotas — mergulhavam famintas em direção aos peixes que subiam à superfície ou àqueles que eram despejados como lixo do barco.

Foi ao encontro de Iássonas, logo que este surgiu na DeltaGamma.

O dia já tinha começado.

...

Viram a aldeia a estender-se na encosta, branca, cheia de luz.

Seguiram então a baía rochosa a seu lado, ali onde as pedras davam lugar a uma praia de areia. Tudo parecia calmo, como ainda era de manhã.

A Alexandra voava novamente por cima das pequenas casas, antes de se dirigir para o barco e para as gaivotas.

O Iássonas, pelo contrário, permaneceu um pouco mais à superfície perto da aldeia observando as casas com as jardineiras e as zonas verdes, com janelas azuis e as varandas com grades elaboradas. Olhando para as ruas estreitas com as

escadas de pedra, as igrejas caiadas com os altos campanários...

Em seguida desapareceu para investigar o seu mundo. Porém, não se aproximou do barco de pesca.

...

Voava um pouco atrás do bando, não muito mais alto do que este.

Parecia-lhe estranho que todas aquelas gaivotas lutassem assim por um alimento quando à sua volta havia o mar. Ficou assim a vê-las com emoções confusas.

Então, sem o esperar, uma delas afastou-se do bando e começou a voar em direção a ela.

«Bom dia», disse-lhe gentilmente a gaivota desconhecida, ao aproximar-se.

— Bom dia!

«És daqui?», perguntou em seguida. «Penso que nunca te vi na ilha...»

— Só de passagem. Vimos de uma ilha bastante longe. Vamos para terra.

— «Vêm»? Estás com outras gaivotas?

A Alexandra sorriu sem pensar.

— Não exatamente...

...

«Nunca vi um par tão estranho!» confessou o Pedro brincando, nadando entre os dois amigos.

— Vives aqui ou vens tu também de outro lado?

— Nasci aqui e aqui tenho vivido quase toda a minha vida. É uma ilha muito bonita. De vez enquanto voou até terra, mas volto sempre.

Aqui encontram-se os meus amigos, a minha família.

Eles evitaram — talvez sem saberem porque razão — perguntar o que quer que seja sobre a terra...

«O que são exatamente estas casas brancas maiores?» disse então o Iássonas, mudando de conversa.

Olharam para a aldeia.

A Alexandra estranhou que o seu companheiro tivesse notado o que ela mesma lá do alto não se tinha apercebido até agora.

«Não sabem?»

«Cada uma destas grandes casas brancas, é a casa de Deus», respondeu o Pedro.

Um momento de confusão se seguiu.

— O deus das gaivotas?

«Ou talvez o deus dos golfinhos?» completou o golfinho.

Parecia que estava à espera desta pergunta.

«Não há deus das gaivotas nem dos golfinhos» disse-lhe calmamente.

«Nem sequer há deus dos homens. Há apenas um Deus. Independentemente dos nomes.

Estas casas grandes brancas são suas.»

«E vive em alguma delas?» insistiu a Alexandra.

O Pedro sorriu com compreensão.

— Mora em todas. Nelas e dentro de nós. Vive nas nuvens. No mar. No mais pequeno grão de areia.

Ele criou tudo. Tudo o que está à nossa volta.

Ele sabe tudo. O passado, o presente e o futuro...

Por todo o mal que fazemos na nossa vida seremos castigados, meus amigos. Por todo o bem seremos recompensados.

Ele nos julgará ao partir...

No seu olhar se difundia a mesma calma que havia no seu discurso.

...

— Porquê?

«Que queres dizer com ‘porquê?’», respondeu voltando-se e olhando para o Iássonas.

— Porque é que ele nos vai julgar?

— Porque somos seus. Pertencemos-lhe.
Foi ele que nos criou...

— Porquê?

— ‘porquê?... porquê?...’

Não perguntem porquê. Quem crê Nele não pergunta o porquê.

— Porquê?

«Mas porque Ele sabe e nós não!», disse, surpreendido porque devia explicar a alguém as coisas mais simples do mundo.

«Perdoa-me», acrescentou, «mas tenho de me ir embora.»

Batendo as suas asas voou um pouco acima dos dois viajantes. Voltou a olhar para eles com serenidade.

«Creiam Nele, meus amigos», disse-lhes.

«Ele quer sempre o vosso bem.»

O barco de madeira, tendo apanhado as redes, aproximava-se do cais no limite da aldeia.

Voou de novo para ali.

«Quer sempre o nosso bem...», repetiu a Alexandra pensativa.

«O mesmo queriam sempre os meus pais.»

«Porém, talvez, eles nunca compreenderam o que era.»

...

Eles partiram para o mar aberto.

Atrás deles o barco atracava no cais.

* * *

A ilha que encontraram já tinha desaparecido e a terra firme parecia menos distante.

O céu em cima, completamente coberto de nuvens em todos os tons de cinza. O mar calmo, cinza também.

Os dois, duas figuras perdidas num mundo de cristal, um dia tão silencioso e incolor. Um dia em que os limites entre o céu e o mar pareciam desvanecer-se...

Viajavam paralelamente. Como se cada um fosse o reflexo do outro num espelho infinito da DeltaGamma.

Estavam juntos. E enquanto estivessem juntos existiriam paralelamente; movimentar-se-iam simultaneamente em dois mundos, no mar e no céu, como um ser, como um todo.

Eram arquétipos e reflexos ao mesmo tempo. Viviam portanto nos dois lados do espelho.

...

Ele saltou alto.

Tanto quanto podia.

Depois parou no ar e começou a descer, caíndo finalmente na água com a cauda.

Então a Alexandra subiu para o céu.

Descendo, na realidade, muito mais rápido do que talvez parecesse, virou ligeiramente as suas asas meio abertas.

Começou assim uma volta prolongada que terminou num círculo completo, antes de seguir voando — normalmente — outra vez.

O Iássonas tentou algo de semelhante. Saltou no ar e dando uma volta completa, mergulhou outra vez no mar.

...

Flutuavam agora lado a lado, sós em cima da DeltaGamma.

Estavam por certo esgotados e os seus jogos, por pouco que tivessem durado, tinham-nos cansado mais. Eles sabiam disto antes de começarem, mas isto não os impediu. Além disso talvez, desta forma, conseguissem desentorpecer-se pela uniformidade dos movimentos da sua viagem.

Flutuavam agora lado a lado, sós em cima da DeltaGamma. Duas pinceladas cinza, deixadas no meio de ‘nenhures’.

...

«Ouviste alguma coisa?» perguntou o Iássonas, quebrando o silêncio.

— Não. Ouvir o quê?

— Pareceu-me ouvir um rugido ao longe.

Mal tinha acabado a sua frase, quando se ouviu o som novamente. Desta vez a Alexandra também o ouviu.

Subiu rápido para o céu. As nuvens ao longe, perto da terra firme, tinham-se tornado mais espessas, tinham-se tornado mais escuras.

«Vem aí uma tempestade!», gritou ao Iássonas enquanto se dirigia para ele. «Tenho de avançar...»

Ele pareceu duas vezes mais nervoso.
«Voa rápido! Não te atrases... Vai agora! Vai!»

...

Voava um pouco acima da superfície, movimentando as suas asas com destreza, aumentando continuamente a velocidade. O mar rompia lentamente pelas correntes que nasciam.

Voava incrivelmente rápido. Ia-se como o vento. Não obstante, o vento parecia ter uma opinião contrária...

Viu-se obrigada a subir mais alto, pois as ondas começaram a crescer. O vento tornava-se cada vez mais forte, mudando por vezes de direção. O odor da chuva já a envolvia.

A tarde tornou-se noite.
A noite tornava-se dia pelo brilho dos relâmpagos.
Avançava desafiando a chuva que caía como uma onda.

...

Nadava à superfície. Um golfinho contra o mar espumoso.

Saltava alto, tanto quanto podia, deslizando-se em cima das próprias ondas. Esperando que algum relâmpago iluminasse de novo o mar.

...

A terra firme estava agora muito perto. E o vento tinha finalmente virado em seu favor.

Mas a chuva era cada vez mais forte. E as suas asas tinham-no atraído...

Caíu à água esgotada.

* * *

O sol brilhava agora num céu tranquilo. O mar calmo, subitamente sereno como se nunca tivesse acordado.

Mas as rochas indicavam que algo tinha acontecido na noite anterior.

A terra ainda cheirava a chuva...

Ele gritava o seu nome o dia todo. o dia todo.

Olhava para as rochas com cuidado. Calculava que não deveria estar muito longe do ponto que procurava. Então continuou a procurar.

Perguntava às gaivotas que encontrava se a tinham visto. Implorava-lhes que procurassem com ele, que o ajudassem.

Mas elas tinham outras coisas a fazer. Abandonaram logo a tentativa e partiram para o mar aberto em busca de alimentos.

A manhã tornou-se tarde. A tarde foi avançando.

Depois a noite regressou.

Ficou sozinho a olhar para as rochas enquanto que a lua lançava a sua sombra no mar.

Ouviu — débil como se o tivesse imaginado — um som fraco que vinha de muito longe. Parou quase de respirar e ouviu o silêncio. Ouviu então o mesmo som.

Como um sussurro na noite ouvia-se ao longe, viajando por cima da DeltaGamma. Alguém gritava o seu nome.

Não sabia se tinha respondido gritando ou não. Sabia unicamente que nadava novamente. Que o romper das águas tinha adquirido sentido outra vez.

Que nadava outra vez por ela.

* * *

Um novo dia começava...

Nadando perto da rocha onde se encontrava, via-a dormir.
A onda tinha enxaguado as suas asas. E o sal tinha cuidado das suas feridas.

Abriu os olhos. Foi então que se aproximou.

— Dói-te?

— Não muito.

O seu corpo estava arranhado. As ondas tinham-na empurrado muitas vezes para as rochas antes de finalmente a terem arrastado para uma delas.

Tentou abrir as suas asas, mas parou devido à dor intensa na asa direita.

— Partiu-se?

— Não creio... Não a poderia mexer de todo.

Talvez tenha rachado. Ou talvez tenha um osso deslocado.
Ou é simplesmente a dor do golpe.

Não sei...

O certo é que não posso voar.

— Não te preocupes Alexandra. Vai tudo correr bem...

Os dias seguintes passaram mais rápido do que esperavam.

Subia desajeitadamente às rochas mais altas nos dias de ondulação forte. Caía desajeitadamente à água e nadava nos dias em que o mar estava calmo.

Avançavam juntos conversando.

Avançavam lentamente e quando se cansavam paravam para descansar na rocha mais próxima e plana.

O Iássonas trazia-lhe então pedaços do fundo do mar.

Trazia-lhe as conchas mais bonitas que encontrava, pequenas e grandes, duras ou frágeis levando-as com cuidado ao seu bico. Trazia-lhe esponjas de todos os tipos, pedaços de corais de várias cores e formatos.

Deixavam-nos sobre as rochas à borda da água, ali onde o mar facilmente arrastaria de novo para dentro dele, o que lhe pertencia.

Seguiam depois avançando, paralelamente à terra.

...

Nadava diante dela, voltando continuamente o seu tronco, da mesma maneira que a Alexandra dava voltas quando mergulhava no mar.

Outras vezes parava espetacularmente quase todo fora da água, apoiando-se somente na sua cauda.

Ou, pelo contrário, escondia-se totalmente deixando só a sua cauda fora da DeltaGamma, saudando a sua amiga.

E quando ela lho pedisse saltaria alto — tanto quanto fosse possível — antes que o mar o arrastasse de novo para dentro.

Podia agora esticar a sua asa e levantá-la e descê-la sem dor particular.

...

De rocha em rocha ouvia o Iássonas a falar sem parar sobre a vida no mar, pedindo-lhe que lhe ensinasse outras coisas sobre a vida na terra.

De rocha em rocha ouvia o Iássonas descrever-lhe as singularidades do fundo do mar que ela não podia ver.

O barco afundado nas águas profundas, com o mastro quebrado e a quilha podre. O interior da pequena gruta com a assustadora abertura negra. O abismo que se abria diretamente dentro do mar — enorme, cheio de escuridão.

E em quase todas os seus passeios o Iássonas encontraria algo de diferente que podia levar à sua amiga...

Nunca antes, nenhuma gaivota tinha conhecido tanta coisa sobre a grande parte azul do planeta.

Talvez nunca, nenhum golfinho tivesse conhecido tanto sobre a beleza de cada detalhe do mar.

...

Por um pouco mais de tempo ainda a Alexandra continuaria a alimentar-se de peixe que o Iássonas atirava para a terra com um movimento brusco da sua cabeça. Ou com peixes mais pequenos que a mesma tomava da boca do seu amigo.

Não havia vergonha. Não havia obrigação.

Afinal não eram dois seres estranhos. Eram apenas duas faces de uma vontade.

Da vontade de explorar um mundo para além do alcance da vista.

...

Voava com as asas abertas de novo, indiferente ao vento que se tornava mais forte...

* * *

Separavam-se na foz do grande rio.

Do alto podias se quisesse crer, que não era o rio que desaguava no mar, mas sim o mar que penetrava na terra, fendendo-a.

A Alexandra seguiria o rio até à sua nascente. O Iássonas continuaria a nadar mais ou menos ao longo da margem da terra e do mar, até ao farol que acendia à noite, longe deles.

Naquele farol encontrar-se-iam de novo.

...

Perto daquele antigo farol de pedra, a Alexandra descreveria o que ela mesma há pouco tinha enfrentado pela primeira vez.

Um rio azul a deslizar dentro da vegetação verde.

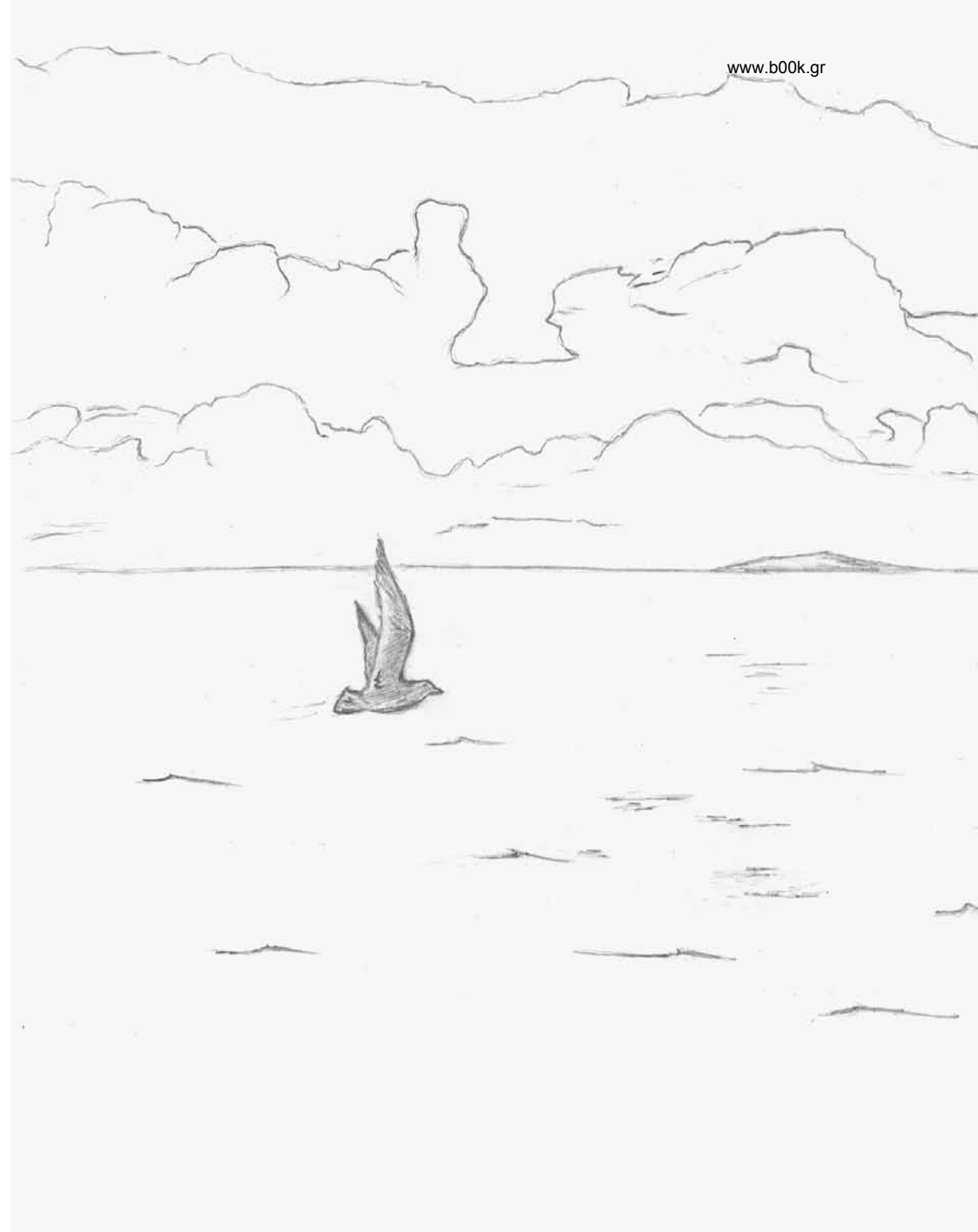
Uma catarata branca e ruidosa que escondia arcos-iris na sua neblina.

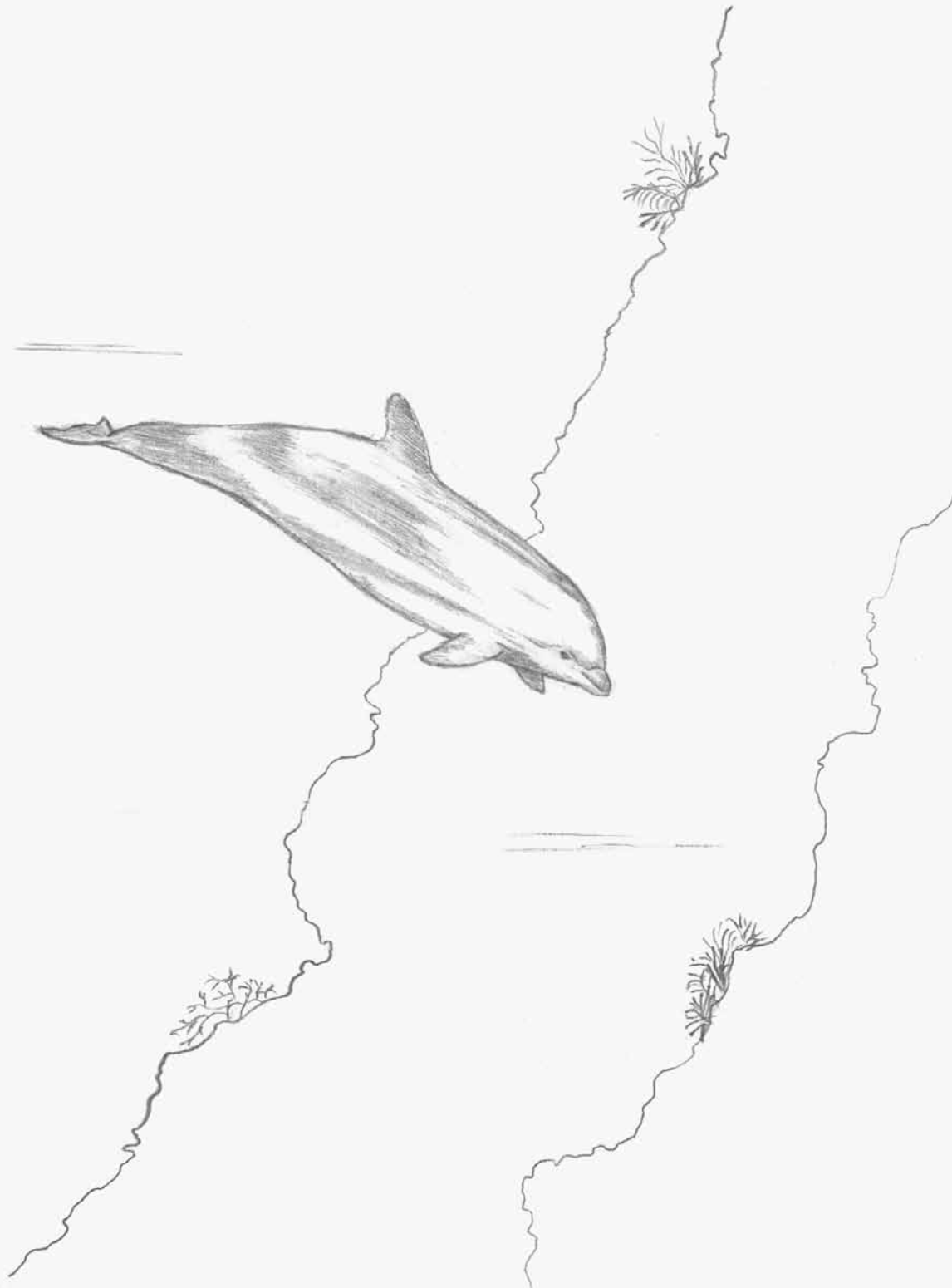
Descreveria nuvens caídas em lagos — espelhos.

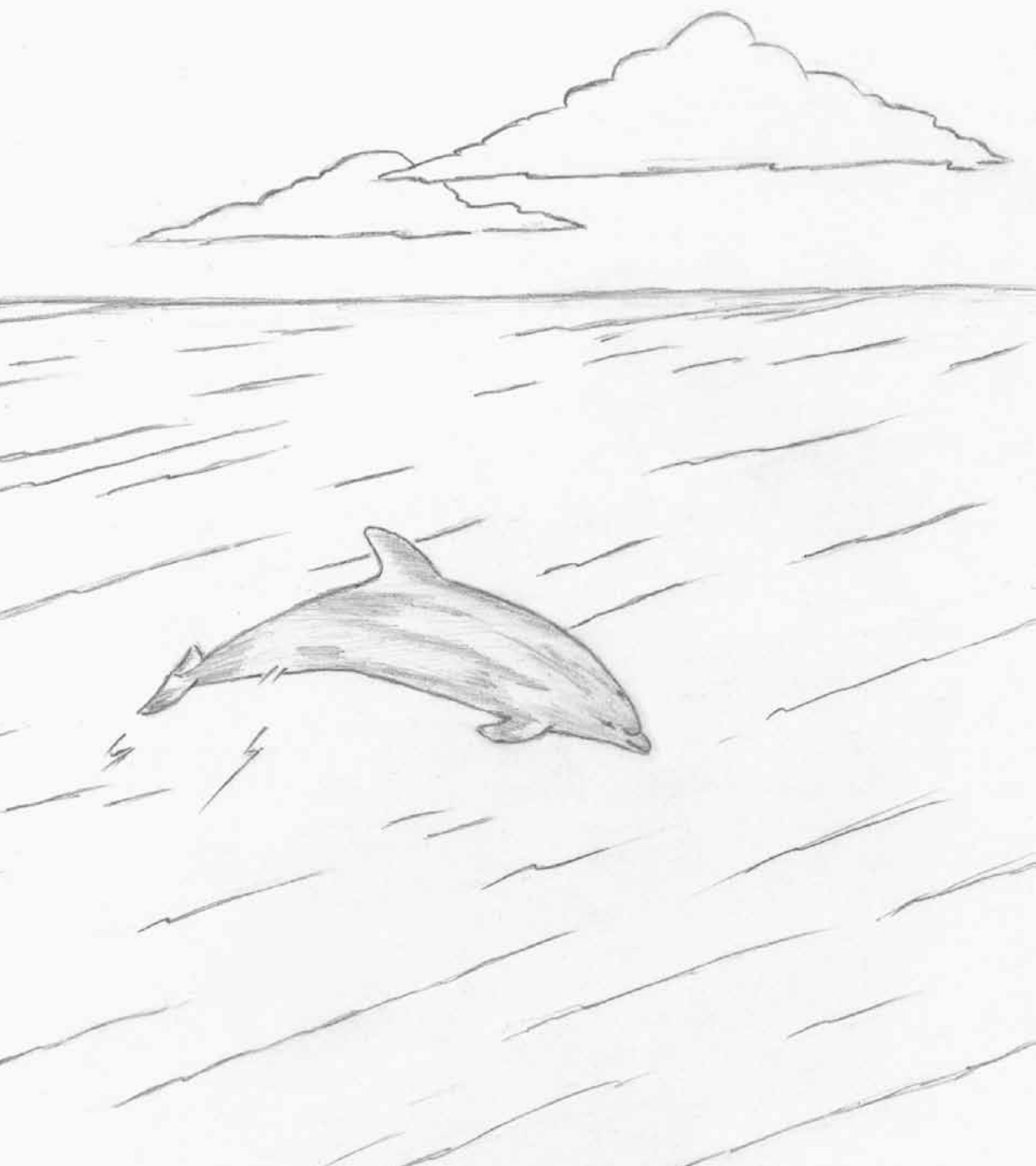
Neve deixada em montanhas geladas.

Perto do farol antigo os dois viajantes transmitiriam mais uma vez os seus conhecimentos. Transmitiriam as suas sensações.

Compartilhariam, assim, as mesmas memórias.







* * *

Tinha-as visto!

Estendiam o seu corpo delgado no mar.

Mas era por certo o mais perigoso. Porque lhe eram invisíveis. E dirigia-se sem preocupação direto a elas.

Os seus sentidos aguçaram-se de repente.

Deixou o seu corpo cair no vazio. Tendo reduzido bastante a altura onde se encontrava, reduziu a velocidade da sua descida, virando com agilidade as suas asas.

...

Voava agora um pouco atrás do Iássonas. Chamava-o agora pelo seu nome. Mas a sombra que nadava debaixo da superfície continuava com a mesma velocidade.

Abaixou-se ainda mais, tanto que as suas asas quase tocavam a DeltaGamma. Ainda voava um pouco atrás de Iássonas. Mais do que uma vez o chamou pelo nome.

Normalmente, de um momento para o outro, ele subiria para respirar. Mas ela não podia esperar mais; as redes pareciam já muito perto.

Ela começou a voar mais rapidamente, ultrapassando-o.

Depois, sem diminuir a sua velocidade, subiu um pouco mais alto, virou-se instantaneamente e mergulhou verticalmente na água.

...

Fechando a curva que tinha começado para a evitar, aproximou-se novamente da sua amiga.
Era algo mais que uma surpresa. Quase que se chocavam.

Parados apenas a alguns metros da rede, observavam-na em silêncio.

O Iássonas falou primeiro.

— Obrigado.

A Alexandra, ainda nervosa, sorriu abertamente.

«Viste», disse, «o que é teres uma gaivota que cuida de ti?»

«Sim vi...», respondeu, sorrindo também.

«...Só é pena que outros não tivessem...»

Levantando a vista das redes voltou-se e olhou para ele. Ele retribuiu com um olhar culpado.

«É verdade», admitiu, «nunca te falei dos meus pais.»

Até àquele dia a Alexandra pensava que os pais do Iássonas se encontravam entre os restantes golfinhos do seu grupo.

«Eu era muito pequeno então, lembro-me...»

«Nadávamos juntos perto da costa, mas a certa altura fiquei para trás. Brincava com uma grande medusa castanha quando ouvi os seus gritos...»

«Estavam ambos encurralados... Não muito longe um do outro. Não muito abaixo da superfície.

Tentaram fugir. Tentaram cortar a rede com os seus dentes.»

«Logo que me viram começaram de novo a gritar. Gritavam para que eu parasse.

E quando finalmente parei gritavam para que eu fugisse. Que eu fosse para longe. Que não voltasse para trás. Que não olhasse para trás. Que me fosse simplesmente embora, o mais rápido que pudesse.»

«Fiquei ali como uma pedra.»

«Depois voltei-me e parti.

Sem olhar para trás.»

...

«Desde então não voltei a aproximar-me da costa. Não me aproximava das pessoas.

Fui para o alto mar. Aí encontrei os outros golfinhos. Foi aí que cresci...

Entre o mar aberto e as ilhas de gaivotas.»

«Costumavam, lembro-me, dizer-me que os meus pais não tinham morrido, que ainda viviam algures no mar.»

«Lembro-me que naquela altura acreditava, Alexandra.»
«Talvez aqueles ainda acreditem...»

«Enfim», disse depois.
«Ninguém vive para sempre. E talvez seja melhor que o tenha compreendido bastante cedo.»

...

Continuaram sem falar por algum tempo. Mas os sentimentos muitas vezes pedem para serem expressos por palavras...

— Arrependeste-te alguma vez de teres partido? De termos partido?

Sem esperar resposta, voltou a perguntar.
— Já pensaste alguma vez porque fugiste?

O Iássonas invertiu a pergunta inesperadamente.
— E tu, porque o fizeste?

«Não sei», respondeu a Alexandra.
«Não sei ao certo.»
«Eu sabia tão pouco... Tinha tanto que aprender... Mas as outras gaivotas não me compreendiam.
Penso que um dia o faria... Um dia partiria, ainda que fosse só...»

«E tu?»

— Eu não sei, Alexandra, se algum dia fugi. Talvez nunca tenha pertencido a alguém. Nunca senti que realmente pertencia ao meu grupo. Que pertenço a algum lugar...

...

Não havia vento naquela manhã. No entanto a água parecia agitada como se tivesse vida.

— ...Talvez o próprio mar seja culpado. Que pertence a todos, mas nunca o podes ter para ti próprio.

— Quem sabe, Iássonas...
Talvez seja preferível assim...

Eles eram livres de ficarem juntos. De continuarem juntos a sua jornada eterna.

* * *

Esperava na ponta arenosa do golfo há já algum tempo. Até que finalmente a viu chegar.

Desceu para o seu lado.
Parecia agitada. Parecia esconder algo dentro dela.
«Foi o pior dia da minha vida», disse em voz baixa e os seus olhos de repente ficaram turvos.

«O que aconteceu? O que aconteceu Alexandra?»

Por um instante parecia não saber como começar.

«Atrás das montanhas», disse finalmente, «muito atrás destas montanhas, perdido na terra e porém tão perto do mar, encontra-se um depósito de lixo. Um sítio cheio de lixo. Um lugar horrível. Hoje estive lá...»

«Então?»

Parou para ganhar folgo antes de continuar com a mesma agitação.

«O mais horrível de tudo, pior ainda do que tanto lixo, e do cheiro quente das carnes podres, é que ali viviam gaivotas.

Compreendes Iássonas?

Gaivotas.»

«Que se alimentam desse lixo. De pedaços de carne e de pão para ali atirados. De restos de alimentos humanos...»

«Gaivotas às quais não incomodava o cheiro. Que já não se importavam mais com os intermináveis montões. Que tinham aprendido a viver assim.

A voar baixo, longe dos céus. Aves marinhas que voam longe do mar.

Que já o tinham esquecido.

Era apenas uma fonte de alimento. E podiam alimentar-se tão facilmente aqui...»

Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

«Por um momento vi-se a voar entre elas; um bando de gaivotas prontas a atacar o montão que chegava.

Naquele momento em que esperavam impacientemente o novo montão de lixo, ao que se atiravam em grupo e que apanhavam primeiro um pedaço de comida... Naquele momento sentiu-se tão pequena. Impotente. Inexistente.

Incapaz de falar. Incapaz de dizer uma palavra.»

...

De repente o rosto dela acalmou-se. A carga emocional perdeu-se. O seu olhar parecia virado para o espaço e a sua voz adquiriu uma uniformidade vazia.

«Não conseguiria jamais convencê-los, Iássonas. Sentia-o. Sabia-o...»

Via que cada um dos meus esforços seria em vão. Já condenada.

Mesmo se quisesse tanto ajudá-las a ver...

A ver por elas próprias.

Lembrar-lhes que comer não basta. Que não basta unicamente viver. E assim poderem viver de novo. Recomeçar a viver, Iássonas.

Começar mais uma vez a pensar no mundo à volta deles... Neles mesmos...»

«Mas fiquei ali muda. Não conseguia dizer nada. Não poderia nunca convencê-las.

Como dantes...

Na ilha onde tinha nascido. Com as gaivotas com quem tinha crescido.

Não pude, não tentei nunca convencê-las com palavras. Não é algo que se possa comprovar, estás a ver. Que possas explicar, movimentando o bico e as asas.»

Falava, como se falasse a si próprio...

«Fui sempre para elas uma estranha e solitária gaivota, Iássonas.

Nunca sentiram que o que eu queria era unicamente aprender a pensar. Elas perseguiram a comida. Perseguiam o hoje e esqueciam o amanhã.

Mas eu simplesmente não podia viver assim. Eu tinha que saber sobre mim. Sobre o céu e o mar.

Resta-me, então, voar só. Só, mesmo que o não tivesse querido nunca...

No entanto gostava de voar alto acima daquela ilha pequena.

E quando se voa alto tudo parece detalhe.

Importante então parece ser somente voar alto, meu amigo. Voar o mais alto possível.»

«Se pudesse fazer algo por elas e por mim, se eu finalmente escolhesse fazer algo Iássonas, seria simplesmente ser eu mesma...

Não fingir ser uma outra gaivota.

Atrever-me a existir.»

«No entanto não poderia nunca convencê-las. Nem a elas, nem as gaivotas do depósito de lixo.

Perguntar-me-iam ‘porquê’ e eu não saberia que responder. Como descrever o sentimento de voar a gaivotas que pareciam ter esquecido que tinham asas. Que procuram em vão encontrar asas alheias.

Perguntar-me-iam a razão de serem diferentes e eu não poderia descrever o momento em que se é indiferente ao vento, que não te pode arrastar.

E quando por fim me perguntassem o que ficaria, como lhes diria que no final nunca nada nos fica, Iássonas?

Como lhes dizer que não há recompensas?»

O Iássonas permaneceu em silêncio por um longo momento. As frases que ouvia lembravam-lhe talvez um golfinho que olhava para o pôr do sol. Um golfinho que procurava a luz quando ao seu redor havia escuridão.

Assim ao falar tinha a mesma triste uniformidade na sua voz, as mesmas imagens vazias nos seus olhos.

«Nunca poderemos convencer ninguém, Alexandra.

Se tivéssemos mil vidas talvez... Se tivéssemos mil maneiras de pensar...

Se houvesse alguma forma de começar no interior de cada um de nós. O mundo então tornar-se-ia melhor. As gaivotas e os golfinhos, todos os seres que chegariam, viveriam desde o primeiro dia.

A vida não seria uma perda de tempo.»

«Mas nós nunca podemos convencer ninguém, Alexandra.

Tu e eu, nunca poderíamos dizer mentiras bonitas. E o medo da verdade existe em todos. O poder do pensamento porém não se ensina meu amigo, nós sabemos. O pensamento nunca se transfere.

Nós deixamos que se queime ou cobrimos com cinza...»

«Talvez nunca seja necessário convencer ninguém Alexandra.

Só nos convencemos a nós próprios.»

A Alexandra abriu as suas asas.

Abraçou fortemente o seu companheiro, mergulhando ligeiramente o seu corpo na água.

«Tenho tanta sorte de te ter a ti», disse em voz baixa. «É tão raro encontrar alguém que pense. Que questione o que uma vez os outros lhe disseram.»

Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

«Antes de te encontrar pensava que estava só no mundo. Sentia-me só, mas tinha de existir...

Tínhamos de existir...

Para que pudéssemos talvez — quem sabe — um dia encontrarmo-nos.»

Estavam juntos, exatamente em cima da DeltaGamma, contra a solidão de dois mundos infinitos.

Não choravam por si mesmos. Não mais.

Choravam por aqueles que talvez não podiam chorar. Quando aprendes a pensar sem compromissos, podes então amar sem limites.

Podes chorar pelos outros. Podes até voar, nadar pelos outros. Podes então sentir os teus próprios sentimentos.

E não existes mais unicamente para ti mesmo. Existes para todos.

Para aqueles que não conheces, para aqueles que talvez nunca te conhecerão.

Quando amas.

A Alexandra olhou para a superfície do mar.

«Como lhes falar, Iássonas? Como lhes dizer que aqueles que se encontravam ao seu redor eram lixo, se eles próprios lhe chamavam alimento?

Visto que a palavra ‘lixo’ não existia para eles. Visto que, se existia, tinham esquecido há muito tempo o seu significado.

Visto que a tinham, assim simplesmente, substituído. Com o exatamente oposto...»

Sorriu desajeitada ao ver o seu reflexo na água.

«Talvez também a ilha onde cresci, e a ilha com as casas brancas que conhecemos, e o barco de pesca com as gai-votas que a perseguiam... Talvez tudo fossem depósitos de lixo.

Mas nós não os víamos.»

O Iássonas continuou uma frase que não devia terminar ali.

«Talvez agora também estejamos num depósito de lixo si-milar Alexandra, mas não queremos abrir os olhos...»

O olhar deles embaceou-se tanto que o mar parecia desa-parecer.

«Não existe uma linha de demarcação Alexandra. Não exis-te uma DeltaGamma.

Existem muitas. E guardam-nos prisioneiros. Só que aque-las não podemos vê-las. Não queremos enfrentá-las...»

...

«Vemos sempre aquilo que queremos ver, amiga. E pode-mos, se quisermos, ver tudo.

Em um instante...»

«Ou não vermos nunca nada...»

Os olhos deles limpavam-se dado que as suas lágrimas caí-ram ao mar.

* * *

Os anos passaram pacificamente.

A Alexandra e o Iássonas não eram aqueles que um dia deixaram uma ilha rochosa perdida no mar. Tinham mudado.

Tinham mudado tanto, como muda um adolescente que se converte em gaivota. Um adolescente que se converte em golfinho.

No entanto podia distinguir-se neles algumas daquelas velhas características. E tinham ainda a mesma expressão de busca no seu olhar.

Não havia, no entanto, outro golfinho que soubesse tanto como ele.

Sobre frutos, árvores e flores. Sobre lagos e rios. Sobre cascatas, fogos e vulcões, penhascos e ravinas. Sobre as estações do ano, a chuva e a neve. Sobre as nuvens. Sobre a terra, as ilhas e o mar quando voas alto. Sobre a sensação de voar.

Não havia outra gaivota que soubesse tanto como ela.

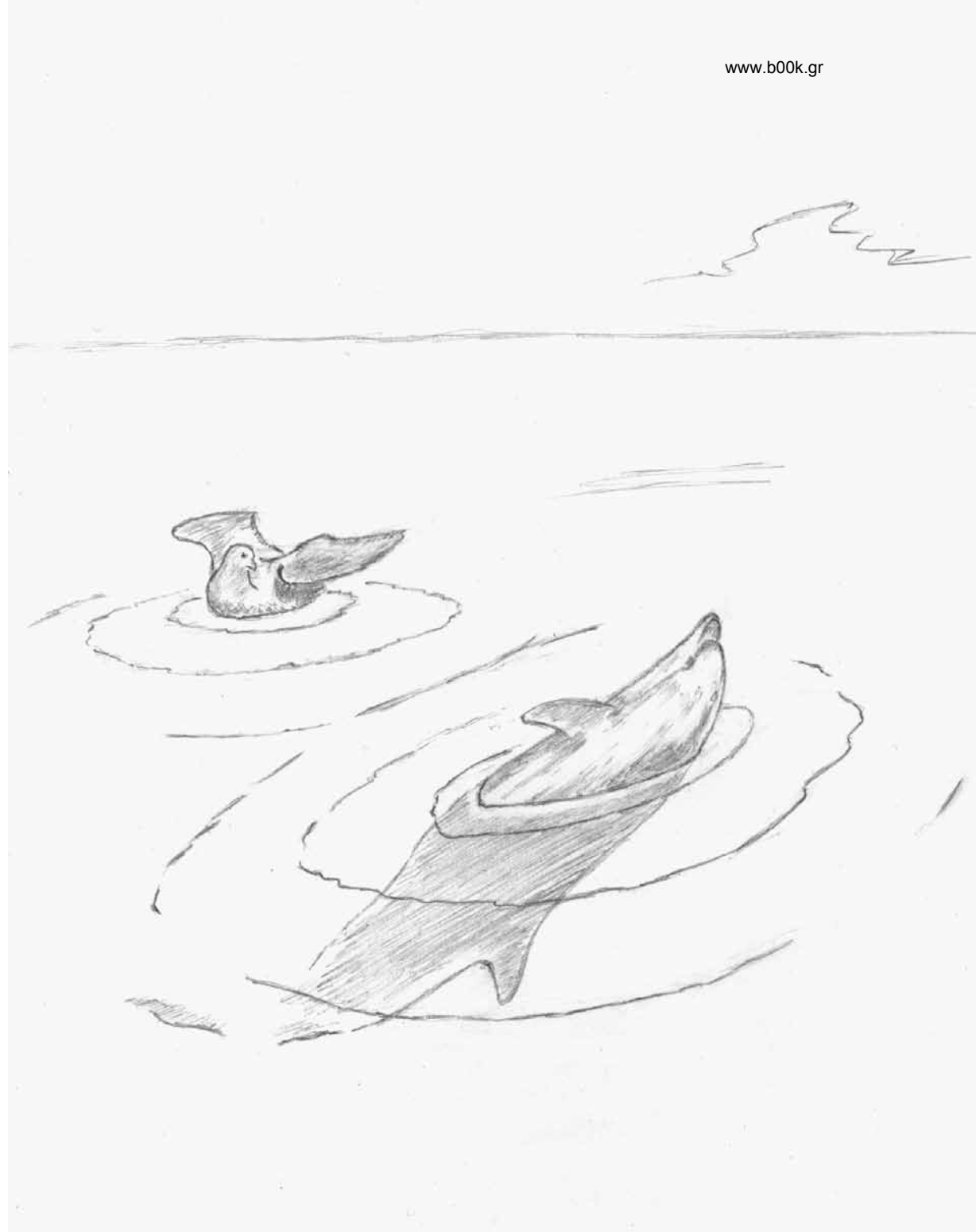
Sobre esponjas, corais e conchas. Sobre o fundo do mar. Sobre remoinhos de água e correntes marítimas. Sobre peixes e cetáceos. Sobre naufrágios. Sobre cavernas e abismos. Sobre a sensação de nadar. A emoção de saltar com ímpeto no ar.

Não havia outro golfinho nem outra gaivota que soubesse tanto sobre os seus próprios mundos. Tinham-nos conhecido procurando conhecer o mundo um do outro.

Não havia outro golfinho nem outra gaivota que soubesse tanto sobre eles mesmos.

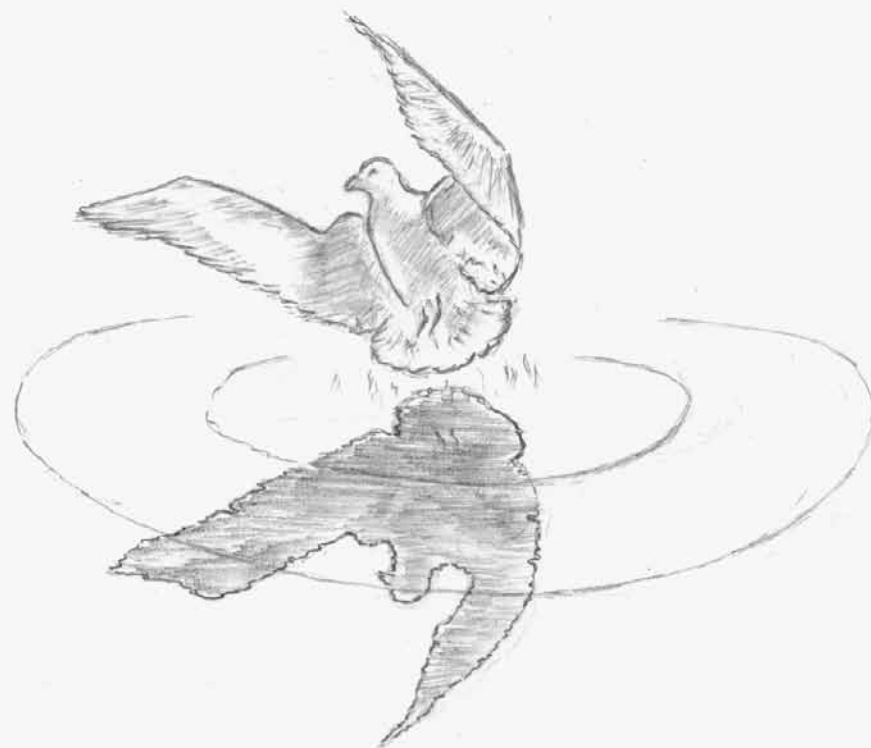
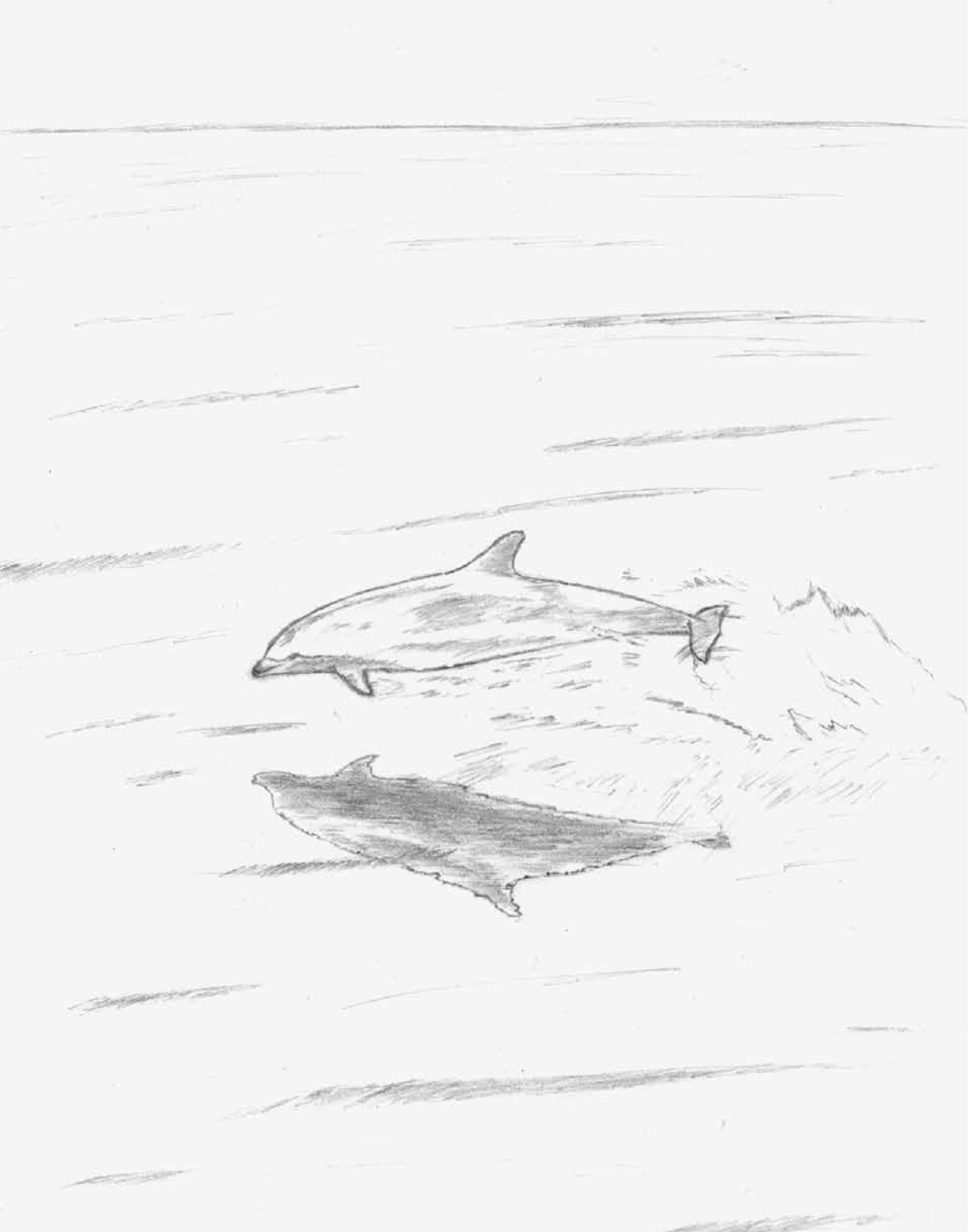
Conheciam as suas capacidades, quem eram e onde se encontravam. Quão ligados estavam a uma parte mínima do todo. Quão apegados ao «algo».

Mas agora tinham orgulho de terem vivido. De terem resistido para existirem.













* * *

Não sabiam exatamente o quê, mas algo os tinha atraído a atenção naquela pequena ilha, deserta de gaivotas. A ilha distante da terra.

Certamente que não se parecia com nenhuma das que tinham encontrado. Todas as ilhas anteriores pareciam flutuar no mar, mas aquela...

Olhando-a de lado, um dos lados era bruscamente cortado, caíndo na água. O resto da ilha baixava suavemente ao longo de todo o seu comprimento antes de se perder, finalmente, debaixo da DeltaGamma.

Aquela ilha não se parecia com nenhuma outra; era como se se afundasse no mar.

Ou como se alguma vez tivesse começado a afundar-se até tocar o fundo e ficasse ali, entre dois mundos.

Para uni-los para sempre. Para pertencer aos dois e não pertencer a mais ninguém.

...

Estava parado no único topo, na borda da ilha seca, algures entre o céu, a terra e o mar. Estava a olhar para o mar quando o Iássonas a chamou para perto dele.

«Já pensaste alguma vez que os nossos mundos não são senão dois mundos contíguos?» perguntou-lhe.

«Um em cima do outro?»

Nunca tinha pensado nisso. Como tantas coisas em que nunca pensámos. Talvez porque não têm importância.

«Parecem tão diferentes Alexandra», continuou, «mas são dois mundos quase idênticos.»

«São simplesmente dois mundos um em cima do outro. Com água em vez de ar. Com peixe em vez de pássaros.

São simplesmente duas faces do mesmo mundo.»

— ...

— Já alguma vez pensaste que podem existir mundos acima do céu? Mundos abaixo do mar? Que o nosso olhar se detém antes de os encontrar?

...

Começando algures entre o céu, a terra e o mar, abria as suas asas ao mundo que conhecia melhor; o seu mundo.

Voava quase verticalmente à DeltaGamma. Voava mais alto do que qualquer outra vez.

Muito mais alto do que as nuvens. Vi-as em baixo, espalhando a sua sombra sobre o mar. E a pequena ilha por onde começou, não se via, como que se se tivesse por fim imergido na água.

Tinha frio. No entanto continuava a subir. Respirava com dificuldade. A sua asa direita doía-lhe devido ao cansaço e ao frio gelado — alguns ferimentos, finalmente, não se podem curar.

Se não parasse agora, em breve cairia. E se caísse talvez não conseguisse controlar a sua queda.

...

Mais uma vez estava um ao lado do outro. Ao lado deles a ilha encontrava-se ali onde sempre tinha estado.

Tinha mergulhado quase verticalmente à DeltaGamma, mais profunda do que nunca. Se não parasse de descer, então, talvez não pudesse de novo regressar. E o mar caía, obscuro, cada vez mais fundo...

Olhavam pela última vez para pequena ilha solitária. Não sabiam o quê, mas algo os tinha atraído para ela.

Talvez fosse simplesmente uma ilha que nunca tinham visto antes.

* * *

Foi pouco tempo depois de terem encontrado a ilha estranha, que a Alexandra adoeceu. De repente, como era costume.

Afastavam-se para longe da terra quando se aproximou do Iássonas e lhe pediu que parassem. Sentia-se cansada.

Descansaram, então, e depois continuaram. Porém, pouco depois a Alexandra sentiu-se novamente cansada. No dia seguinte decidiram que deviam parar em qualquer lado, o tempo que fosse necessário.

...

Detiveram-se finalmente numa praia cheia de calhaus brancos e cinzentos.

Num extremo o mar.

No outro os calhaus davam lugar a rochas cada vez maiores que terminavam numa elevação abrupta.

Para aquela elevação olhava de baixo a Alexandra.

Ainda ontem lhe parecia tão pequena. Poderia chegar rapidamente ao seu topo.

Mas hoje como poderia confiar nas suas asas débeis?

E como voar novamente por Iássonas?

Cada dia que passava sentia-se mais cansada. Até a natação já a cansava. Saía para terra e sentava-se em cima dos seixos quentes.

Em vão, o Iássonas tentava persuadi-la a comer. Em vão, tentava consolá-la.

No entanto, quando estavam juntos, quando conversavam sobre o céu e o mar, parecia que tudo era como dantes; logo em seguida abria as suas asas e a viagem começaria do princípio.

Uma nova viagem. Como se não tivessem visto nada até agora...

...

Procurava de novo. Chamava a si as gaivotas que encontrava e perguntava-lhes se sabiam de algo. Se havia algo que pudessem fazer pela Alexandra. Mas ninguém sabia.

Só uma lhe falou da Gaivota Sábia.

Juntou alguns peixes num canto da praia.

Tinha-os deitado à terra num movimento brusco da sua cabeça, apesar de temer que talvez a sua amiga não comesse nada.

A Alexandra pediu-lhe que não se fosse embora.

Mas ele não podia ficar. Vê-la sofrer sem poder ajudá-la.

Além disso não havia razão de se preocupar. Para uma gaivota seria só meio dia de voo. Mas como ele nadava rápido poderia regressar antes da noite seguinte.

E teria cuidado. Bastaria somente que ela também tivesse cuidado.

Saudou-a. Depois partiu.

* * *

Logo que sentiu que se tinha afastado o suficiente, aumentou a velocidade. Queria regressar o mais breve possível. Devia então chegar o mais rápido possível à Gaivota Sábia.

A gaivota que lhe falou dela tinha-lhe dito que era a mais sábia de todas as gaivotas. Que de certeza conhecia todas as doenças. Mas ela não queria voltar a voar.

Encontrá-la-ia na sua ilha.

...

Já tinha começado a subir... A escalar cada vez rochas maiores, saltando de uma para a outra. Punha toda a força que lhe restava.

...

Nadava sem parar até que caiu a noite. Decidiu então descansar um pouco. Seguiu depois nadando, na escuridão.

Se apenas a Velha Gaivota a pudesse ajudar... Se houvesse algo que pudesse fazer...

Amanhecia quando se aproximava da ilha verde. Era exatamente como lhe tinham dito. Mas à sua volta voavam gaivotas brancas.

Chamou uma para perto de si. Pediu-lhe que chamasse a Velha Gaivota.

Ela surpreendeu-se. A Gaivota Sábia nunca via ninguém. Todos iam vê-la.

Claro que até agora, só gaivotas a tinham procurado.

Começou, então, a dirigir-se para a pequena caverna no topo mais alto da ilha.

Voava lentamente para o sítio onde ele estava. Atrás dela, à esquerda e à direita, seguiam mais duas gaivotas.

Desceu até perto do Iássonas. Depois desceram as outras duas também.

A sua aparência era de uma gaivota que de facto sabia muito. Que tinha visto muitas coisas durante a sua vida. Que das suas palavras não poderia ninguém mais duvidar.

Estranhou quando ouviu que aquele golfinho tinha ido até à sua ilha por uma gaivota. Quando ouviu que uma gaivota podia ter por amigo um golfinho.

Mas não fez perguntas. Aconselhou-o ao que devia fazer.

Em seguida, disse às duas gaivotas brancas que ficassem a cuidar da comida dela, voltou-se e começou a voar sozinha para a caverna, no ponto mais alto da ilha.

...

Não ficou a saber nada de essencial. A gaivota disse-lhe simplesmente que a sua amiga devia descansar e comer bem, rogando ao deus das gaivotas que a ajudasse.

Contudo ficou contente. Porque deixava aquela ilha. Porque nadava em direção à Alexandra.

...

Subia pelas traseiras da elevação. Aí onde as rochas se elevavam ligeiramente antes de serem cortadas, um pouco atrás da praia com os seixos brancos e cinza.

Tinha de chegar lá...

...

Movia com ritmo a sua cauda, avançando rapidamente dentro da água. Subia à superfície só quando necessitava de respirar.

O sol subia lentamente no céu. As nuvens brancas, algures na ponta do mar.

Era um belo dia.

* * *

Procurou-a com os olhos fixados nos seixos. Mas não estava ali. Olhou melhor.

Um arrepio percorreu o seu corpo.

Como por intuição levantou a vista para a elevação abrupta.

Vi-a abrir lentamente as suas asas grandes, brancas e cinzentas.

Asas que tremiam.

Chamou por ela.

Gritou o mais alto que pode.

Mas ela não podia responder. Usava as suas últimas forças para manter as suas asas estendidas.

Mas ele entendê-la-ia. Sempre a entendia...

Deu, então, um salto ao precipício...

* * *

Era um dia habitual.

O mar estava convidativo. O sol brilhava lá no alto.

As suas asas aguentaram. Deslizou no vento antes de cair nas rochas. Deixou para trás a praia com os seixos brancos e cinza. Voava de novo. Voava de novo, poucos metros acima das águas celestes...

E o sol ainda brilhava quando as suas asas pareciam quebrar-se.

Quando o mar finalmente a arrastou para ele.

Sentia-se tão fraca, incapaz de se mexer nem sequer um pouco.

Pôs o seu bico debaixo da sua cabeça. Levantou-o ligeiramente fora da água, a fim de poder respirar.

«Estou a morrer Iássonas», murmurou.
«Não... Não...»

«Por favor, desce-me de aqui...»
«Descer para onde?»
«Para baixo...
Debaixo da DeltaGamma...»

Lágrimas nasceram nos olhos do golfinho — gotas de água que se desvaneciam no mar.

«Vais morrer Alexandra...»

«Ninguém vive para sempre... lembras-te?»

...

Pedi-lhe só para respirar fundo. Depois segurou nela suavemente pelo seu bico.

Desapareceram juntos.

* * *

Imergiram lentamente, seguindo as ladeiras das montanhas abaixo, dentro do mar.

Cardumes de peixes afastavam-se. Flores em forma de raio dobravam-se como seres vivos, nos seus refúgios brancos. Conchas fechavam-se.

Novos cardumes apareciam. Afastavam-se.

Escondiam-se entre corais e algas. Atrás das rochas cheias de vida...

No entanto a pressão continuava a aumentar. E o céu clamava-lhe que a ele pertencia.

...

Voltando a cabeça para a superfície, podia ver a sua última respiração a viajar para o mundo de onde vinha.

Emergir tremulamente passando através de raios de sol oscilantes. Através de raios de sol fragilmente visíveis, linhas presas — pensarias — no elemento húmido, separadas por um momento pelo redemoinho do tempo.

O Iássonas abriu o seu bico.

Muito abaixo da superfície, uma gaivota começou também a subir, com as asas amplamente abertas, enquanto que à sua volta um golfinho nadava em círculos contínuos.

Viajavam lado a lado.

Emergiam lentamente, passando através de raios de sol oscilantes, através de frágeis raios de luz, separados — pensarias — do redemoinho do tempo...

* * *

Pegou nela de novo, longe no vasto mar.

Além, sobre a DeltaGamma, uma gaivota flutuaria com as asas ainda abertas. Um golfinho lamentar-se-ia com o bico encostado ainda a um corpo branco e cinzento sem alma.

Além, sobre a DeltaGamma, sobre a linha onde um dia se tinham conhecido, a maré começava a subir...

Um golfinho mergulharia num mundo com flores e árvores, com campos semeados de ouro e caminhos de terra, com rios e lagos inundados de nuvens.

E uma gaivota simplesmente seguiria as ondas...

...

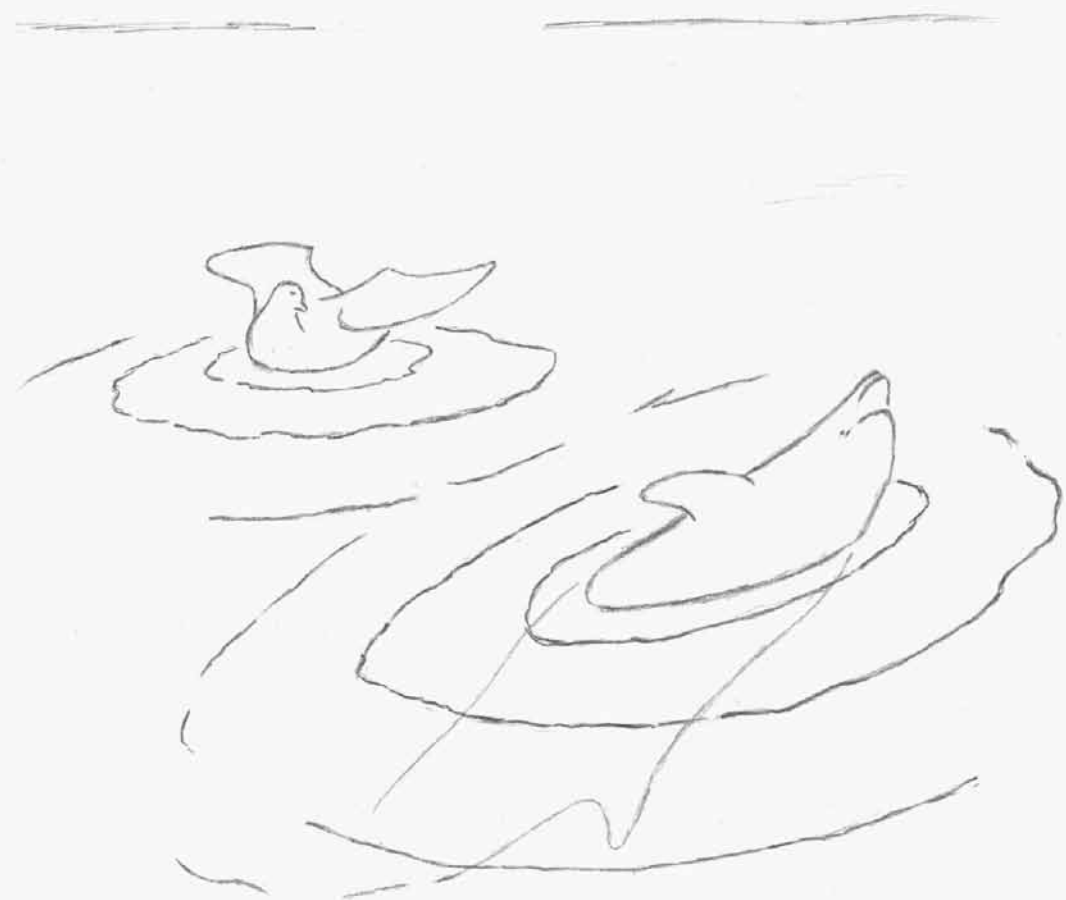
Uma gaivota que antes que os seus olhos se fechassem para sempre, tinha conseguido enfrentar o mundo que se encontra para além do horizonte.

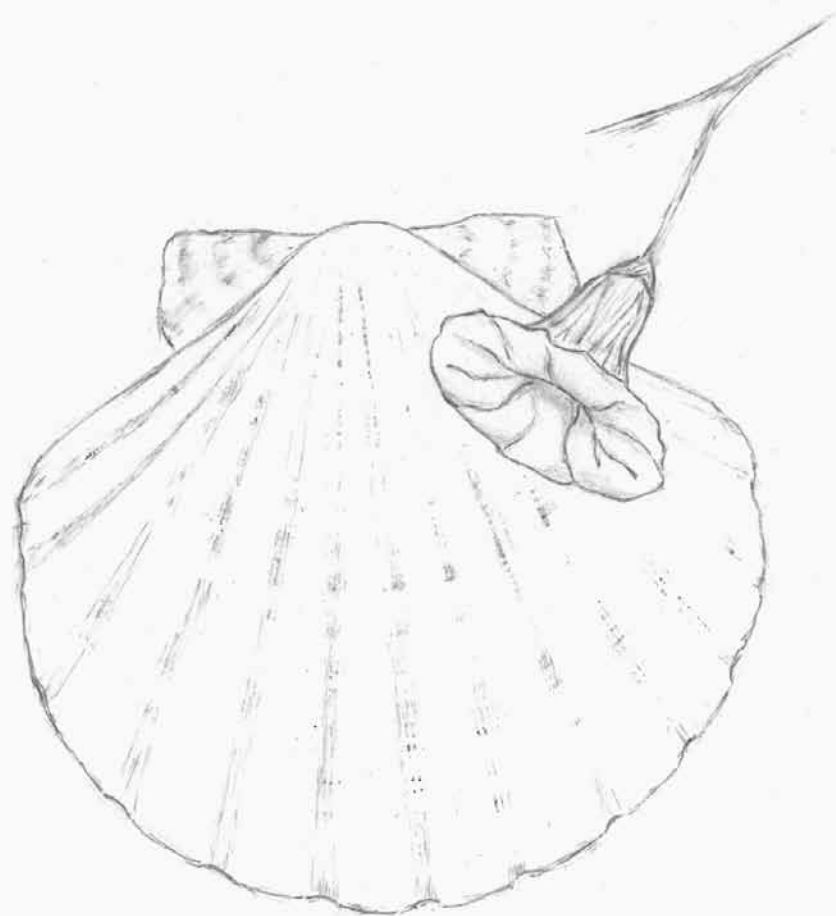
Desmoronar os seus laços transparentes.
Voar realmente livre.

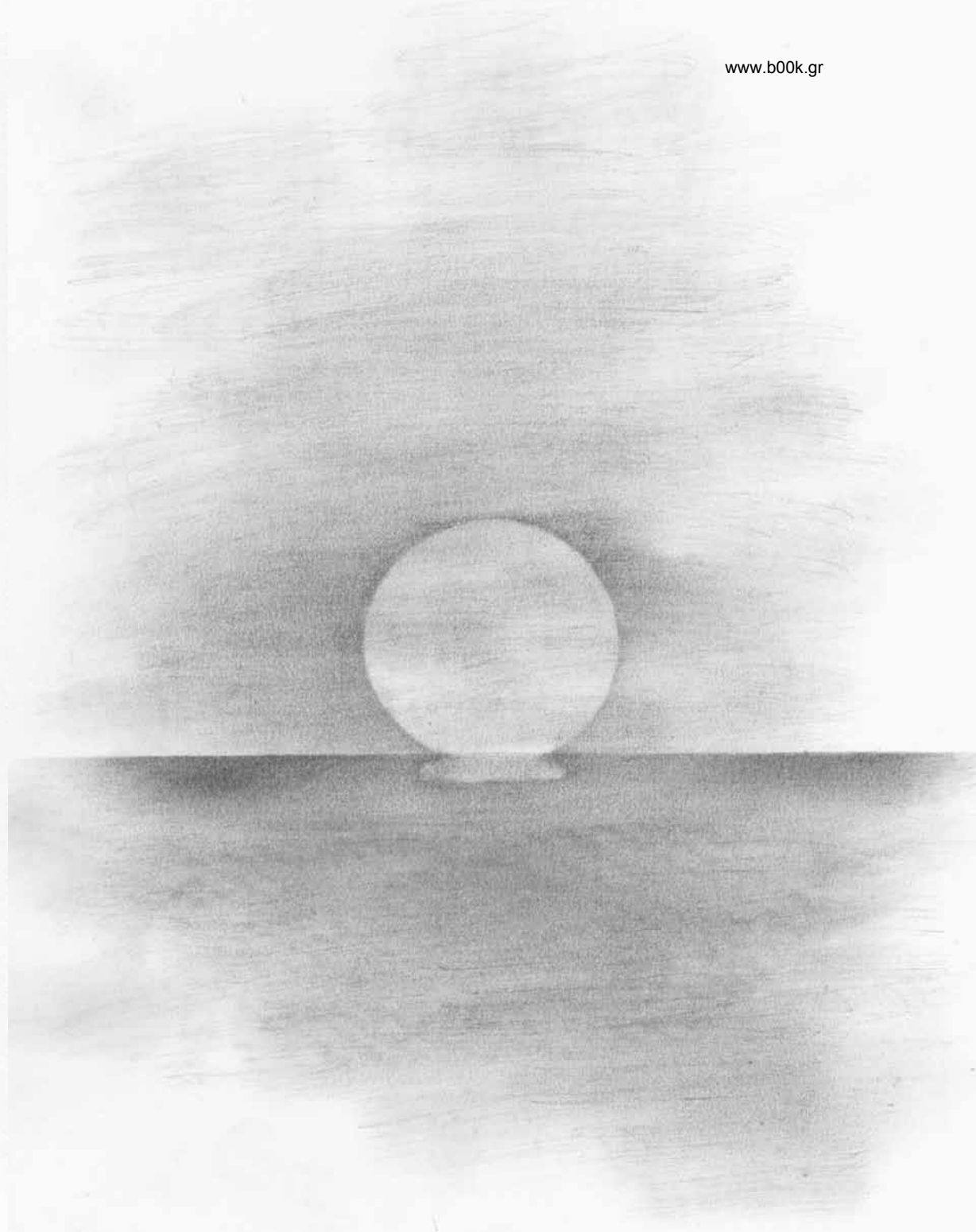
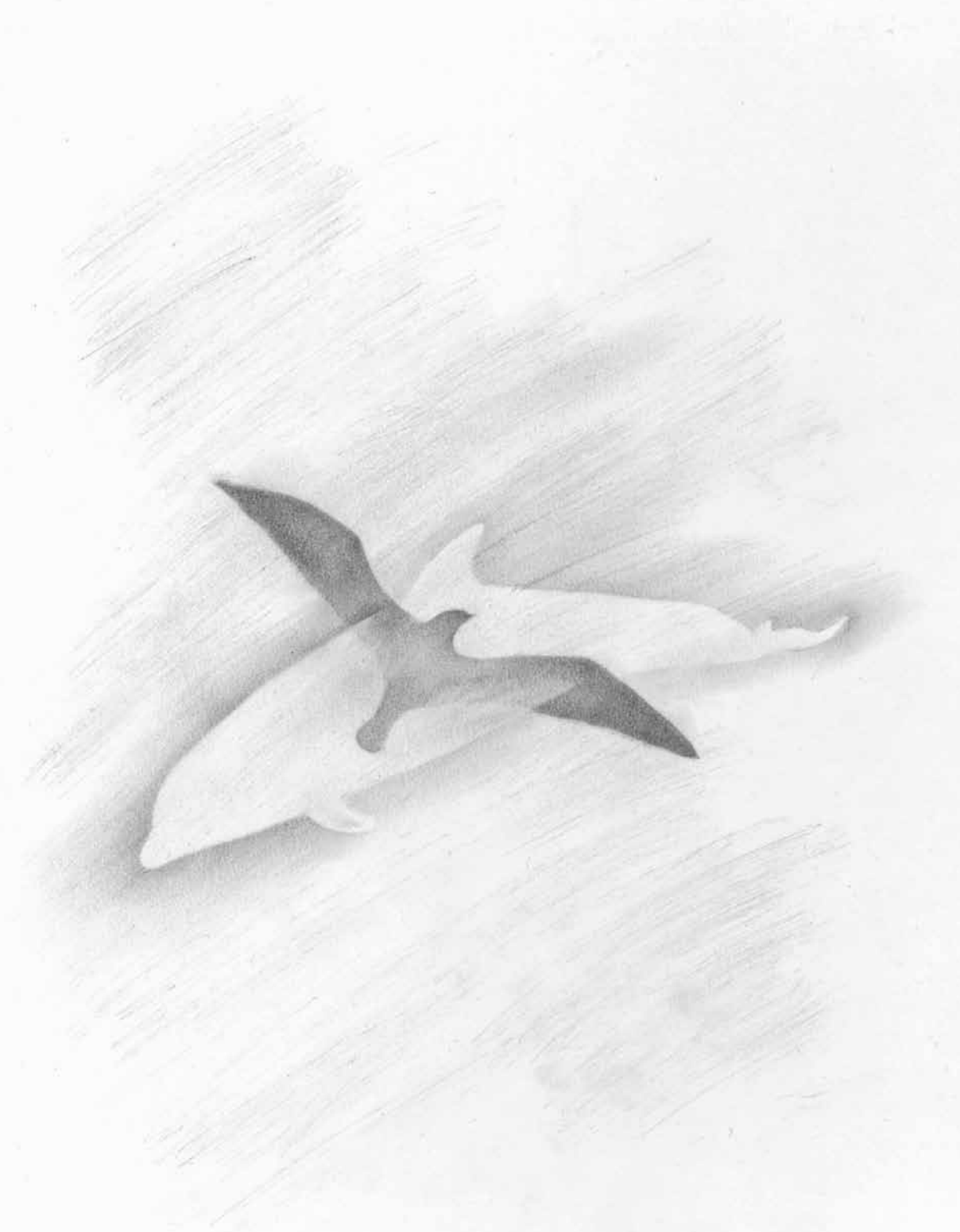
Uma gaivota que não pode apagar-se e que nunca o fará...

Que sempre viverá...

...Pelo menos tanto quanto um golfinho
voará nas profundidades.







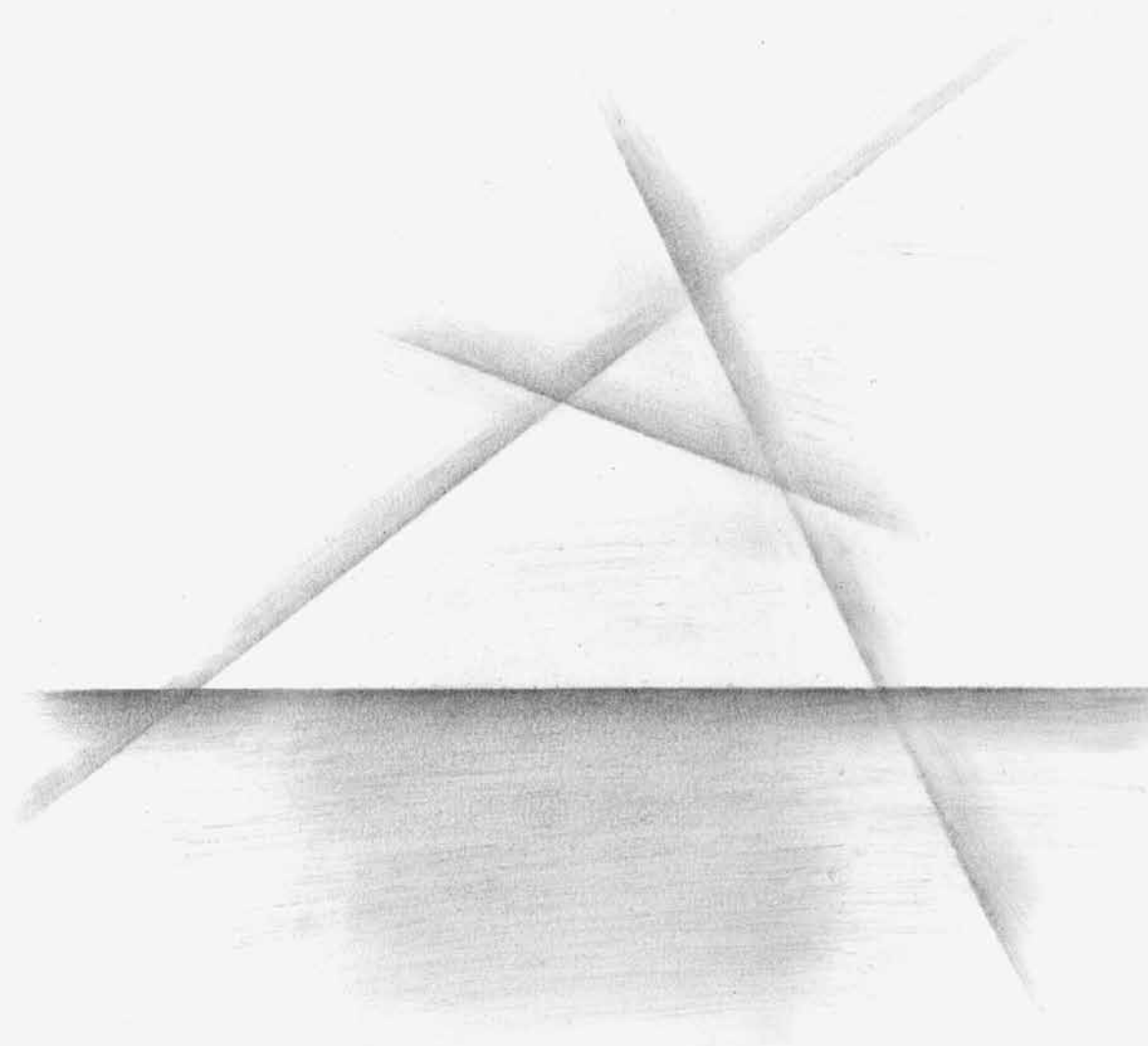
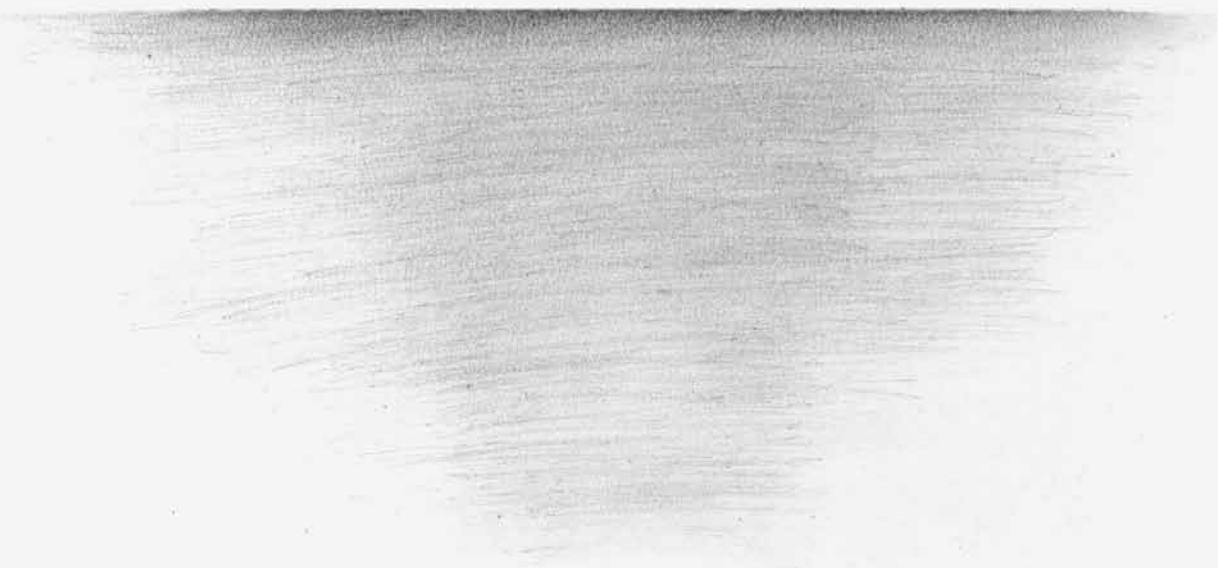


*Perdidos algures no universo,
parecendo encarcerados em mundos diferentes,
muitos sóis separados por distâncias,
sóis separados por linhas infinitas...*

Mas, recordas-te?

*Há sempre um pedaço incrivelmente pequeno da nossa mente,
que nunca obedeceu às leis da natureza.*

E o princípio já foi feito...





...das páginas
de um livro inexistente...